



GIGANTE DE CHUMBO

JONES MÁRIO

GIGANTE DE CHUMBO

A CONSTRUÇÃO DO ESTÁDIO MORENÃO E
SUA RELAÇÃO COM A DITADURA MILITAR

JONES MÁRIO

GIGANTE DE CHUMBO

A CONSTRUÇÃO DO ESTÁDIO MORENÃO E
SUA RELAÇÃO COM A DITADURA MILITAR

Creative Commons 2014 Jones Mário

Fica permitida a reprodução e derivações desta obra, parcial ou integrante, desde que não seja usada para fins comerciais.

Este livro faz parte de trabalho final apresentado à disciplina Projetos Experimentais, de Jones Mário de Ávila Minervini Júnior, pela graduação em Comunicação Social - hab. em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso

Edson Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP Brasil)

Mário, Jones

Gigante de Chumbo: A construção do Estádio Morenã e sua relação com a ditadura militar / Jones Mário. - Campo Grande, 2014.

1ª Edição

Foto de capa e da página 85: Jones Mário

Aos familiares, aos amigos e amigas, à Fernanda Palheta, aos professores Edson Silva e João Fernando Pelho Ferreira, ao futebol e à música, às energias positivas que conspiraram a favor, e à todos aqueles e aquelas que não se retiram da luta por uma sociedade mais justa, igualitária, radicalmente democrática e libertária.

SUMÁRIO

NUNCA HOUVE BOBO NO FUTEBOL.....	9
1. O FARAÓ CHEGA EM CAMPO GRANDE.....	15
2. CUIABÁ TAMBÉM QUER ESTÁDIO.....	29
3. SUJEIRA NAS NUMERADAS.....	39
4. PEDROSSIAN E O FUTEBOL.....	49
5. MÉDICI E HAVELANGE ENTRAM EM CAMPO.....	55
6. ATRASADO, MAS QUASE LÁ.....	63
7. SURGE O GIGANTE DE CHUMBO.....	73
CHUMBO ENFERRUJADO.....	81

NUNCA HOUVE BOBO NO FUTEBOL

Na iminência de completar seus 44 anos de inauguração, o Estádio Pedro Pedrossian, popularmente alcunhado como Morenã, hoje padece frente à obscuridade pela qual o futebol campo-grandense passa. De 7 de março de 1971 para cá, o local foi palco de jogos épicos, recebeu as equipes de maior apelo popular do Brasil, contou com partidas entre seleções internacionais, viu a camisa amarela do escrete canarinho desfilarem em seu gramado e, ainda, foi o fator de maior importância no crescimento do esporte bretão de Campo Grande, ao fazer de suas dependências a casa dos torcedores de Operário Futebol Clube e Esporte Clube Comercial. Hoje, contenta-se em sediar os jogos do Campeonato Estadual, além de um ou outro cortejo por competições nacionais.

Uma das maneiras de se comprovar a seca vivida pelo local é tomando nota dos números de torcedores que costuma ir ao estádio para assistir a alguma partida. No total, exatas 17.901 pessoas se aventuraram em uma das peijas realizadas no Morenã pelo Campeonato Sul-matogrossense, Copa do Brasil ou Copa Verde em 2014, equivalente a uma média de 745,8 expectadores por jogo. Se tomarmos por base a capacidade oficial atualizada do local segundo o CNEF (Cadastro Nacional de Estádios de Futebol) da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), e colocássemos na arena, de uma só vez, o público total recebido em suas arquibancadas e cadeiras durante o ano, 16,42% do estádio ainda estaria vazio. Seriam necessárias mais 6.099 pessoas para atingir o limite de público. E advinha? Nem mesmo o recorde

de torcedores registrado em uma partida de 2014 daria conta de alcançar a capacidade máxima do Morenã. No segundo jogo da decisão do Estadual entre Cene, da Capital, e Águia Negra, de Rio Brillhante, 5.970 pessoas compareceram ao estádio, sendo que a FFMS (Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul) distribuiu de forma gratuita cerca de 15.000 ingressos em escolas de Campo Grande para a peleja em questão.

Com o panorama atual esboçado, podemos voltar na história para perceber sob quais influências surgiu o Estádio Morenã. O anúncio de sua construção remete ao mês de outubro de 1967, mais de três anos depois do golpe militar de 1964. O presidente era Costa e Silva e o governador do então Mato Grosso, ainda uno, era o engenheiro Pedro Pedrossian, o mesmo que dá nome ao estádio. Aos 39 anos de idade, o mandatário estadual comunicava a iniciativa de edificar uma arena esportiva de proporções faraônicas na Cidade Morena, com capacidade para abrigar 45.000 pessoas. Juntos, o Estádio Urbano Caldeira, a Vila Belmiro, do Santos de Pelé e Coutinho, onde cabiam mais de 21.000 torcedores, e São Januário, casa do Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, com capacidade para cerca de 24.000 expectadores, suportavam o mesmo número de pessoas.

Na época, Pedrossian era filiado à ARENA (Aliança Renovadora Nacional), partido situacionista dos homens da caserna durante o regime militar, fato que fala por si só para início de conversa sobre os paralelos entre a construção do Estádio Morenã e as políticas tocadas pelos fardados de verde-oliva e seus aliados. O surgimento da praça esportiva em Campo Grande era mais uma entre as diversas obras faraônicas, como a imprensa que resistia às imposições da censura chamava as construções. Rodovia Transamazônica para lá, hidrelétrica de Itaipu ali, Ponte Rio-Niterói acolá, e Estádio Pedro Pedrossian para cá. O governador Pedro Pedrossian, engenheiro nascido em Miranda e de descendência armênia, endossava em Mato

Grosso o que o regime militar impunha Brasil afora.

Apesar da crença popular de que não havia corrupção durante a ditadura militar, pensamento este baseado na impossibilidade de noticiar escândalos em vista da forte censura aos meios de comunicação vigentes no período, os bastidores da construção do Morenã também contaram lá com suas “maracutaias”. Anunciado pelo governo estadual como uma parceria junto à LEMC (Liga Esportiva Municipal Campo-grandense), a parte financeira que cabia à entidade recreativa desapareceu em meio a atrasos na prestação de contas e viagens de seu então presidente, Levy Dias, que viria a ser deputado estadual, federal, duas vezes prefeito de Campo Grande e senador da república.

Inaugurado em um domingo de verão com um encontro entre o Sport Club Corinthians Paulista e o Clube de Regatas Flamengo, a arena futebolística consolidou-se como divisora de águas na história do futebol campo-grandense. Foi só depois da abertura dos portões do Morenã que Operário e Comercial caminharam rumo à profissionalização de suas equipes. O gigante de concreto vivenciou, ainda na década de 1970, o auge do esporte bretão da Capital e até mesmo do Mato Grosso, com a terceira colocação do Galo das Bandeirantes, apelido do Operário Futebol Clube, no Campeonato Brasileiro de 1977. Dez anos depois, o mesmo time figuraria na última conquista do futebol de Campo Grande em nível nacional, com o título do módulo branco da Copa União, equivalente a segunda divisão hoje.

Baseado nas notícias veiculadas pelo periódico de maior circulação da época, o Correio do Estado, em entrevistas com profissionais da imprensa e historiadores, além de obras, livros, reportagens jornalísticas e entrevistas que remontam os cenários do período compreendido entre 1967 e 1971, buscou-se reportar nas páginas a seguir os procedimentos históricos, políticos, esportivos e sociais que

permearam a construção do Estádio Pedro Pedrossian, o Morenã, sempre atento à relação entre o modo como a ditadura militar no Brasil e seus simpatizantes se apropriaram do futebol e os fatores que levaram Campo Grande, na época com aproximadamente 140.000 habitantes, a receber a gigantesca construção.

Situado na ansiedade de um jornalista comprometido com as causas que o movem, estimo que a leitura a seguir faça o leitor sair da zona de conforto, como aconteceu com o autor ao juntar as peças do quebra-cabeça e descobrir que a máxima “não tem bobo no futebol” já fazia sentido desde os tempos e anos de chumbo.

1. O FARAÓ CHEGA EM CAMPO GRANDE

Campo Grande, 14 de outubro de 1967.

A edição de número 5.041 do jornal Correio do Estado, auto-intitulado como o “diário vespertino de maior circulação em Mato Grosso”, chegava às bancas e locais de venda na tarde de um sábado com uma notícia quente. A manchete principal, em letras garrafais ocupando de ponta a ponta a parte superior do jornal, dava conta de uma política de contenção de gastos articulada pelo então go-vernador do estado, Pedro Pedrossian. Preocupado com a situação financeira, o mandatário mato-grossense desde 31 de janeiro de 1966 pedia a seus secretários, de acordo com a matéria, que “limitassem ao máximo todos os gastos com a administração, concentrando os recursos postos à sua disposição nos investimentos de infraestrutura”.

Já no centro da capa do periódico campo-grandense, uma reportagem creditada pelo veículo à “imprensa brasileira” discorria a respeito de um encontro do presidente Costa e Silva com um grupo de deputados estaduais e federais de Mato Grosso. O conglomerado dirigia-se ao Palácio do Planalto na intenção de denunciar novos “desmandos e corrupção” na gestão de Pedrossian, ao passo que, em resposta, o marechal afirmava estar “absolutamente afastada a hipótese de uma intervenção federal (...), pois o problema é regional”, que deveria “ser resolvido entre a Assembleia Legislativa e o chefe do Executivo estadual”.

O comboio de deputados em Brasília-DF derivara de uma ação movida em 10 de junho de 1967 pelo deputado estadual Julio Mário Abbot de Castro Pinto, e pelos advogados João Villasbôas e Demosthenes Martins, que encaminharam ao Procurador Geral da República, Haroldo Valadão, um pedido de impeachment de Pedro Pedrossian do cargo de governador. O mandatário fora demitido pelo presidente Castelo Branco do cargo de engenheiro nível 22 do Quadro de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em 28 de fevereiro daquele mesmo ano, sob a alegação de ter praticado atos de improbidade na administração pública quando no exercício da função de superintendente da ferrovia, o que, de acordo com a argumentação do documento apresentado a Valadão, tornaria o então governador inelegível, e por consequência, impedido de continuar no cargo público.

Em 18 de agosto de 1967, a Assembleia Legislativa de Mato Grosso recebia um projeto de resolução pedindo o impeachment de Pedrossian, o qual foi subscrito por 17 dos 30 deputados da casa e que se comprometeram a votar o protesto. No dia seguinte, foi feita a consulta aos representantes, em que 14 foram a favor do impedimento, enquanto outros 14 foram contra, além de dois deputados que estiveram ausentes. O presidente da Assembleia, Emanuel Pinheiro da Silva Primo, desempatou a disputa com um voto de Minerva contra a cassação, arquivada logo em seguida.

Em seu livro de memórias, *O Pescador de Sonhos*, Pedro Pedrossian classificou a tentativa de impeachment como um “exemplo de impertinência”, e ainda denunciou um suposto aliciamento de deputados correligionários insatisfeitos com sua gestão para conquistar maioria na votação do projeto. O ex-governador relata ainda um episódio em que o povo cuiabano teria ido às ruas e cercado o prédio da Assembleia Legislativo a fim recorrer à invasão e à violência para evitar sua queda.

Logo abaixo, no canto inferior esquerdo da capa do jornal Correio do Estado de 14 de outubro de 1971, o título de uma reportagem entregava a surpresa aliada à perplexidade dos redatores e editores do periódico: “Em Campo Grande: <<Gigantesco Estádio Para Mato Grosso>>”. O parágrafo que antecede a notícia conta que o conteúdo fora distribuído para a imprensa pelo Serviço de Relações Públicas do governo estadual, reproduzido na íntegra pelo Correio.

“Importante convênio foi firmado entre o Governo do Estado e a Liga Esportiva Municipal Campograndense, para construção de um gigantesco Estádio na ‘Cidade Morena’. Assinaram o importante documento o Governador Pedro Pedrossian e o esportista Levy Dias, presidente da LEMC.”

O ESTÁDIO

“O Estádio que será localizado dentro do Centro Educacional de Campo Grande, que ocupa área de 49 hectares a 3 quilômetros de distância do centro urbano (saída asfaltada para São Paulo) terá capacidade para 30.000 pessoas, sendo 15.000 em áreas cobertas, foi projetado pelo engenheiro Euclides Oliveira e desenhista Ciríaco Maymone.”

O complemento da matéria foi publicado na segunda página do jornal, em meio a serviços de horários dos cinemas Alhambra, Rialto e Santa Helena (este último apresentava naquele dia o documentário Gol - A Copa do Mundo 1966), além de anúncios populares e até mesmo uma nota esportiva, que divulgava a partida válida pelo Campeonato Municipal entre Esporte Clube Comercial e Atlético Noroeste no Estádio Belmar Fidalgo.

“Além da cancha para futebol, terá um ginásio coberto com capacidade para

6.000 pessoas, quadras para outras modalidades de esporte, piscina, etc.”

INÍCIO ESTE ANO

“O Sr. Levy Dias, que pelo convênio será o executor da monumental obra, disse que os serviços de construção terão início ainda este ano, através de concorrência que será providenciada pela Secretaria de Viação e Obras Públicas. A CODEMAT - Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso - será a entidade financiadora do grandioso Estádio.”

LEMC ENTRARÁ COM 50% DO VALOR

“Ainda segundo informações que nos prestou o sr. Levy Dias, o Estádio do Centro Universitário de Campo Grande será construído com recursos do Governo de Mato Grosso e da Liga Esportiva Municipal Campograndense, na base de 50% para cada entidade. As obras que foram objetos do convênio abrangem tão somente o Estádio, ficando as demais a cargo do Governo estadual, que tomará as providências para sua concretização em tempo oportuno.”

“Para fazer face às despesas que lhe ficarão afetas, a Liga Esportiva Campograndense venderá, com início em 15 de novembro, 1.000 cadeiras cativas. A essa solenidade, que se realizará em Campo Grande, estará presente o Governador Pedro Pedrossian.”

SERVIRÁ AO CENTRO E À CIDADE

“O Estádio do Centro Universitário de Campo Grande (o maior de Mato Grosso), servirá não somente os estudantes que cursarem as suas Faculdades como a cidade de Campo Grande e o próprio Estado de Mato Grosso.”

“Será administrado pela Liga Campograndense e proporcionará aos aficionados do esporte um local condigno para a prática de grandes jogos, notadamente futebolísticos.”

GOVERNADOR APELA PARA A CONSERVAÇÃO DE DEPUTADOS

Colúbia (via VASP) — Por concessão do governador Pedro Pedrossian, participaram de uma reunião de demonstração de

do Ministério da Economia do Governo Federal, com a finalidade de discutir a situação financeira do Estado, que, em consequência da retração

de crédito que se verifica no país, sofreu uma redução na política patronal, o que afetou a indústria e a agricultura.

Com o governador Pedro Pedrossian, foram encaminhadas recomendações a todos os seus secretários, para que limitem as despesas mantendo todos os gastos

AMPA GRANDE — MATO GROSSO — Sábado, 14 de Outubro de 1967

ANO CORREIO DO ESTADO N.º 5041

DIÁRIO VESPERTINO DE MAIOR CIRCULAÇÃO EM MATO GROSSO

O Encontro Costa e Silva e deputados de MT

Com referência ao encontro do governador do Mato Grosso e do presidente Costa e Silva, o governador Pedro Pedrossian, que se encontra em Brasília, afirmou que se trata de uma reunião de trabalho, e não de uma reunião política. Segundo ele, o governador não pretende discutir com o presidente a situação do Mato Grosso, mas apenas apresentar-lhe o trabalho que está sendo desenvolvido no Estado, para o problema de desenvolvimento econômico e social do Estado.

Um grupo de deputados do Mato Grosso foi recebido pelo governador do Estado, para discutir a situação econômica do Estado. O governador afirmou que o encontro foi muito proveitoso e que ele se compromete a trabalhar para melhorar a situação econômica do Estado.

JACINTO DE THOMES será exclusivo do "CORREIO DO ESTADO"

Um jornal se afirma no campo político, na medida em que se trata de um comunicado que contém informações de interesse público, e que, portanto, deve ser divulgado. O "Correio do Estado" se compromete a publicar o comunicado em sua edição de amanhã.

"CORREIO DO ESTADO" tem procurado, naturalmente, manter a sua tradição, afirmando que se trata de um veículo de serviço à comunidade.

MISSA DE 30.º DIA

NEGRETO

AMANDA JONAS DA SILVA

A família de infortunada AMANDA JONAS DA SILVA, vítima de um acidente de trânsito, está realizando um jejum de 30 dias em homenagem ao falecido. A missa será realizada no templo católico da cidade de São José do Rio Preto, às 19 horas de cada dia.

Correio do Estado terá tiragem triplicada

Atualmente, o "Correio do Estado" tem uma tiragem de 10.000 exemplares. Com a implantação do novo sistema de impressão, a tiragem será triplicada para 30.000 exemplares. Isso permitirá que o jornal alcance um público maior e que seja mais acessível aos leitores.

«BEBÊ - 67» É DO SERGIPE

Um bebê encontrado em uma rua de São Paulo, no dia 14 de outubro, foi identificado como sendo de Sergipe. O bebê estava sozinho e sem documentos. Foi levado para um hospital e tratado por ferimentos leves. A família do bebê foi localizada e ele foi entregue a eles.

Rotary Club: jantar festivo

Para comemorar a vitória oficial do governador do Mato Grosso, o Rotary Club de Amparo do Rio Negro realizou um jantar festivo no dia 13 de outubro. O jantar foi muito agradável e contou com a presença de muitos convidados.

A ACARMAT Incentivará a cultura do amendoim na região

Em Colúbia, após o término de uma reunião de trabalho, a ACARMAT (Associação de Cultivadores do Amendoim) incentivará a cultura do amendoim na região. A associação vai fornecer assistência técnica aos produtores e vai promover a comercialização do produto.

Prêmio Nehru Para Paulo VI

NOVA DELHI — O Papa Paulo VI foi agraciado com o Prêmio Nehru para a paz e a cooperação internacional. O prêmio foi entregue ao papa em uma cerimônia realizada em Nova Délhi.



Uma soma de 100.000 cruzeiros (aproximadamente 30.000 dólares) será entregue ao papa para ser usada em favor da paz e da cooperação internacional.

Desidratação aumenta incidência

Uma incidência de desidratação aumentou nos últimos dias em Colúbia. Isso se deve ao calor intenso e à falta de chuvas. Muitas pessoas estão sofrendo com sintomas de desidratação, como tontura, náusea e vômito. Os médicos recomendam beber muita água e evitar exposição prolongada ao sol.

Médico de Renome Visita Campo Grande

Um médico de renome, Dr. Paulo Chaves, visitou Colúbia para prestar assistência médica. Ele é especialista em doenças infecciosas e parasitárias. Durante sua visita, ele realizou vários exames e tratamentos. Ele também fez uma palestra sobre a importância da prevenção de doenças.

Uma visita laudatória ao Sr. Jozak

Uma comissão de trabalho visitou o Sr. Jozak para prestar laudatória a seu trabalho. A comissão ficou impressionada com a dedicação e o sucesso do Sr. Jozak em sua atividade. Eles acreditam que ele é um exemplo para todos.

Em Campo Grande: «Gigantesco Estádio Para Mato Grosso»

O Serviço de Relações Públicas do Governo estadual distribuiu a imprensa paranaense, para que seja realizada uma reunião de trabalho em Colúbia.

O governador do Mato Grosso, Pedro Pedrossian, afirmou que o Estado está preparado para receber um grande estádio de futebol. Ele acredita que isso ajudará a desenvolver o turismo e a economia local.

O governador do Mato Grosso, Pedro Pedrossian, afirmou que o Estado está preparado para receber um grande estádio de futebol. Ele acredita que isso ajudará a desenvolver o turismo e a economia local.

CORREIO DO ESTADO O MAIS PROCURADO

Edição do jornal Correio do Estado que anunciou a construção do estádio

O anúncio já antecipava as dimensões “gigantescas” para os padrões da cidade. O estádio erguer-se-ia com o status de maior do Centro-Oeste. Naquele ano, o município de Marília-SP inaugurou sua arena esportiva em 4 de abril, o Estádio Bento de Abreu Sampaio Vidal, o Abreuzão, com capacidade oficial para 15.010 pessoas. Desde o golpe militar em 31 de março de 1964, outros quatro estádios emergiram em seus municípios. Em Ribeirão Preto-SP, surgiu o Estádio Doutor Francisco de Palma Travassos no dia 14 de outubro de 1964, que hoje pode receber até 18.277 torcedores, enquanto o Barão de Serra Negra foi inaugurado em Piracicaba-SP no dia 4 de setembro de 1965, com capacidade para 18 mil pessoas. Em Belo Horizonte-MG, emergiu o Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, que abriu seus portões um dia depois da arena piracicabana e hoje abriga até 75.783 expectadores. Já em 5 de novembro de 1966, era inaugurado o Estádio Lomanto Júnior, o Lomantão, em Vitória da Conquista-BA, com capacidade para 11.538 pessoas. Dos complexos futebolísticos construídos desde a chegada dos militares ao poder até 1967, o estádio campo-grandense só perdia em tamanho para a arena de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.

A matéria divulgada pelo Serviço de Relações Públicas do Estado apontou também o local da edificação do estádio, no Centro Educacional de Campo Grande, que posteriormente se tornaria Universidade. Pedrossian discorre em *O Pescador de Sonhos* sobre a ideia da criação de um complexo universitário tanto para a capital Cuiabá, quanto para o município sulista.

“Estirado na cadeira solitária, debaixo do caramanchão da residência oficial dos governadores, meditando altas horas da noite, eu me perguntava: como construir um novo Estado, se no ensino básico, fundamental, 80% dos professores não têm qualquer formação pedagógica? Sem educação,

não havia como mudar.”

“A única saída era trazer gente de fora, especialistas, com formação acadêmica, superior, que pudessem formar professores, graduados, técnicos, para construir a base do exército da mudança. Precisava de soldados novos. Não tinha muito tempo, era rápido. Os técnicos importados eram indesejados intrusos pela comunidade, porque estavam ocupando cargos que deveriam ser dos correligionários. Era inevitável. Para reverter realmente o quadro de atraso só havia uma solução: a Universidade.”

O primeiro passo para o surgimento de uma inédita universidade na Cidade Morena, alcunhada desta forma devido à cor roxa da terra campo-grandense, foi dado com a assinatura da Lei Estadual nº 2.629 no dia 26 de julho de 1966, que autorizava a criação do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá e do Instituto de Ciências Biológicas de Campo Grande. A desapropriação e a doação da área onde seria construído o conjunto acadêmico do município sulista foram feitas ainda em 1967.

A outorga de terrenos públicos para a construção de arenas esportivas fazia parte de uma preocupação institucional do governo militar que, naquele ano, estava sob o comando de Costa e Silva. Em 1971, seu sucessor, Emílio Garrastazu Médici, divulgaria o Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil, elaborado por Lamartine Pereira da Costa. Um dos itens do relatório, o “Equipamento Básico Urbano”, planejava investimento na estrutura física para o fomento do esporte. De modo a viabilizar a ideia, o regime fornecia subsídios, isenção de impostos e doação de áreas de domínio estatal.

A parceria com a LEMC também foi antecipada pela reportagem publicada pelo Correio do Estado. A liga de esportes era responsável pela organização dos campeonatos de futebol de Campo Grande,

divididos em três divisões: a principal, a de acesso e a suburbana, todas elas disputadas aos moldes do amadorismo. Os cortejos da elite do esporte bretão campo-grandense aconteciam no Estádio Belmar Fidalgo, local que virou praça esportiva em 1987, enquanto os jogos das divisões inferiores eram realizados no campo do bairro Taveirópolis, a Vila Famosa, onde hoje funciona a Praça Esportiva Elias Gadia.

Em suas memórias, o então governador do Estado de Mato Grosso destoa da nota divulgada pelo setor responsável à imprensa. Pedrossian relembra do fato de maneira sucinta, e atribui exclusividade à LEMC quanto à iniciativa de custeio da construção do estádio com a venda de cadeiras cativas. Ainda de acordo com o político, a entidade campo-grandense já seria presidida por Nelson Borges de Barros, ao passo que segundo consta nos registros históricos da Câmara Municipal de Campo Grande, Barros foi vereador durante os anos de 1967 e 1968, e empossado na presidência da liga esportiva em 28 de fevereiro de 1969, de acordo com reportagens publicadas no Correio do Estado. O ex-chefe do executivo ainda cita que a vendas das cadeiras não teriam alcançado sucesso, o que motivaria a CODEMAT, órgão estadual, a assumir a responsabilidade de tocar o restante da obra. Mais à frente, veremos que o suposto fracasso na comercialização dos lugares cativos ganharia outra versão.

Passado um mês de anunciar a construção do gigantesco estádio, o Correio do Estado volta a ilustrar em suas páginas novidades a respeito da futura obra. Na edição dos dias 13 e 14 de novembro, o jornal publica a imagem de um projeto desenhado em três dimensões do complexo esportivo logo abaixo do título: “Dia 3: Lançamento do nôvo Estádio”. Quem conhece o local hoje, logo deduz que tal projeto sofreu alterações. O ginásio situado atrás das arquibancadas descobertas em nada se parece com o que é hoje o Ginásio de Esportes Amadeu Mena Gonçalves, popularmente conhecido por

Moreninho, ginásio este que sequer foi construído em paralelo ao estádio. A localização atual do anexo também é oposta à do desenho apresentado. As quatro estruturas em formato retangular que se sobressaem acima do lado descoberto dos assentos, que parecem uma armação de refletores, também não foram levadas a cabo durante a construção.

O artigo noticiava que o início da venda das cadeiras cativas tinha sido adiado. Previsto para o dia 15 de novembro, segundo a reportagem publicada há um mês, a nova matéria trazia consigo uma outra data, o dia 3 de dezembro. A nota divulga o evento como “lançamento oficial da campanha pró construção do Estádio de Campo Grande”, trazendo em suas entrelinhas a ideia de que a obra ainda era uma incerteza. O texto publicado também aumentou a previsão de capacidade oficial da arena esportiva de 30 mil para 40 mil pessoas. O lançamento do projeto e o começo das vendas das mil cadeiras cativas ficaram marcados para dali 20 dias, às 10 horas, no Ginásio de Esportes da UCE (União Campo-grandense de Estudantes), que contaria ainda com a presença do governador Pedro Pedrossian.

Os redatores do Correio do Estado voltaram a tocar no assunto na edição do dia 29 de novembro, quando noticiou um convite, incitando os campo-grandenses a participarem do evento através de um recurso já famigerado: a boca livre. A pequena nota adianta que seria servido um coquetel e que a maquete da obra estaria exposta nas dependências do ginásio dos estudantes. Ao contrário do tom de dúvida da reportagem anterior, quando o acontecimento era tratado como “lançamento da campanha pró construção”, o novo texto descreve o fato como “lançamento da venda das Cadeiras Cativas do novo Estádio de Campo Grande”.

No dia anterior ao evento, uma curta nota trata de adiantar a realização de um “prélio intermunicipal” entre as seleções de Campo Grande e de Corumbá como parte da programação do lançamento da venda

dos assentos vitalícios. O jornal ainda sugere que Pedrossian faria presença no Estádio Belmar Fidalgo para acompanhar o cortejo, que teve entrada gratuita aos aficionados por futebol.

No dia do evento, uma manhã de domingo, foram vendidas 41 cadeiras cativas, sendo as de número 1 e 2 adquiridas pelo então governador de Mato Grosso, que ainda teria reservado outros cinco assentos em seu nome. A de número 3 ficou com Antônio Mendes Canale, então chefe de gabinete do governo do Estado, enquanto a de número 4 foi comprada por Plínio Barbosa Martins, na época, prefeito campo-grandense. A Associação Médica do município adquiriu outras 37 cadeiras por meio de seu presidente, João Pereira da Rosa, que teria reservado mais 44 lugares em nome da entidade.

No dia seguinte ao lançamento, a notícia do diário vespertino destaca em seu subtítulo a obra do estádio como uma “iniciativa da Lemc”, na qual a população da cidade estaria “emprestando total apoio”. Na edição do dia 5 de dezembro, outra reportagem destaca a fala empenhada pelo então presidente da LEMC, Levy Dias, que ressaltou a “decisão do Governador em dar mão forte à diretoria da Liga para levar avante o empreendimento”, novamente dando a entender que a ideia da construção do estádio provinha da entidade esportiva.

Ao refletir a respeito das obras de seu governo, em especial sobre o Centro Universitário de Campo Grande, Pedrossian usou de sua mão forte para, desta vez, passar aos cuidados de Levy Dias o cheque nº 175244 do BEMAT (Banco do Estado de Mato Grosso) no valor de NCr\$ 300.000,00, para “iniciar imediatamente a construção do Estádio”. Do evento, governador, diretoria da LEMC e autoridades partiram rumo ao canteiro de obras do Instituto de Ciências Biológicas, onde se instalaria o primeiro prédio da Universidade, para o lançamento da pedra fundamental do estádio. Ainda sobrou

espaço para uma alfinetada da reportagem do Correio no órgão de esportes, ao publicar que as obras seriam “atacadas de imediato”, pois a LEMC dispunha “de recursos para êsse fim”.

Uma dúvida ainda pairava no ar quente mato-grossense: e os custos da obra majestosa? Em outubro daquele ano de 1967, o então governador havia reunido seus secretários e anunciado política de retenção de gastos dos cofres públicos, que deveriam ainda ser abertos apenas quando o assunto fosse obras de infraestrutura. Com a curiosidade jornalística aguçada, a reportagem do Correio do Estado tratou de especular quanto seria gasto com o estádio, e imprimiu na edição de 12 de dezembro uma nota curta intitulada “‘Pedrão’ vai custar cinco bilhões”.

O periódico credita a informação ao que chama de “fontes credenciadas”, que teriam calculado o preço da construção em “mais ou menos cinco bilhões de cruzeiros velhos”. O país vivia fase de transição de moedas, do Cruzeiro ao Cruzeiro Novo, o que justifica a força de expressão “velhos” para tratar do valor em cruzeiros. A notícia ainda traz à tona o valor que a LEMC pretendia arrecadar com a venda das mil cadeiras cativas, cerca de 700 milhões de cruzeiros, o que nos leva a crer que cada assento vitalício do estádio custava aproximadamente Cr\$ 7.000,00. O número veiculado pelo Correio ainda sugere que a divisão em 50% do valor do estádio entre governo estadual e liga não seria respeitada, visto que a parte que coubera à entidade desportiva cobriria apenas 14% dos gastos declarados pela matéria do periódico.

Três dias depois, o diário voltaria a informar sobre as cadeiras cativas. Em doze dias, a LEMC teria comercializado 650 assentos. A notícia ainda assegurara o ineditismo da obra nas cidades do interior do Brasil, destacando sua futura capacidade para abrigar 30 mil espectadores em suas dependências.

Para continuar angariando fundos em vista da edificação do estádio, a LEMC publica na edição do dia 23 de dezembro do Correio um anúncio publicitário, em que divulga a abertura das vendas das mil cadeiras cativas, convocando os eventuais compradores a providenciarem suas reservas por telefone ou pessoalmente. Sobre a legenda em caixa alta “ESTE SERÁ O NOVO ESTÁDIO DE CAMPO GRANDE”, havia outra reprodução em três dimensões do desenho da obra, desta vez, vista a partir da perspectiva das arquibancadas cobertas. A propaganda ainda ilustraria diversas edições do jornal dali em diante.



ESTE SERÁ O NOVO ESTADIO DE CAMPO GRANDE
A LEMC, o Governo do Estado e o Povo Campograndense, unidos num mesmo ideal de progresso, darão a Campo Grande um Estádio de verdade. Apenas mil cadeiras serão lançadas à venda. **FAÇA SUA RESERVA**
Telefone 60-80 ou diretamente à Rua Barão do Rio Branco 180 - edif.-FORD

Anúncio das vendas das cadeiras cativas na edição do dia 23 de dezembro de 1967 do Correio do Estado

O ano virava e os boatos de que Campo Grande ganharia uma arena futebolística quase cinco vezes maior que o Estádio Presidente Eurico Gaspar Dutra, o Dutrinha da capital Cuiabá, começara a incomodar e instigar os habitantes do norte do Estado.

2. CUIABÁ TAMBÉM QUER ESTÁDIO

O ar de rivalidade entre Cuiabá e Campo Grande não era apenas uma história contada por campo-grandenses orgulhosos do crescimento de sua cidade naquele período, quando já se posicionava acima da capital em relação ao número de habitantes. Tampouco era conversa fiada dos cuiabanos tentando provar a superioridade de sua terra sobre os lugares do sul.

O próprio Pedro Pedrossian cita a picuinha. Em sua primeira visita a Cuiabá, no dia 10 de julho de 1965, para a convenção partidária do PSD (Partido Social Democrático) que o aclamaria como candidato ao governo do Estado, o político demonstrou receio de que suas propostas não ganhassem força entre os nortistas mato-grossenses devido à rixa.

“Contrariamente ao que eu poderia imaginar, as minhas mensagens se irradiaram e Cuiabá recebeu com surpreendente entusiasmo as propostas inovadoras e de anúncio de mudanças. Eu estava correto em meu posicionamento. Entretanto, eu temia o tão decantado, quanto falso (fato que comprovei tão logo conheci os cuiabanos), conceito de tradicionalismo exacerbado e de rançoso preconceito do norte em relação aos sulistas do Estado.”

Nascido em Miranda, município que fica a cerca de 200 quilômetros

a oeste de Campo Grande, Pedrossian relata em seu registro de memórias uma afinidade precoce com a Cidade Morena.

“Quando criança, em Miranda, ouvia falar de Campo Grande, imaginava uma cidade grandiosa, a capital do universo, para onde iam todos os que queriam estudar, crescer, fazer fortuna. Não é sem razão que a cidade sempre exerceu forte fascínio sobre mim.”

Ainda na infância, visitou Campo Grande por duas vezes. Em uma delas, permaneceu por mais tempo para concluir o curso primário no Ginásio Municipal Dom Bosco. Já como engenheiro da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, foi em definitivo para a cidade sulista promovido de Três Lagoas. Desde então, o futuro governador já sonhava em promover o município campo-grandense a um patamar diferente.

“Eu iria impor marcas definitivas, implantar sinalizações duradouras, fincar marcos duráveis. Queria dela a transformação em matriz regional de poder, riqueza, inteligência e beleza. Minha disposição era irremovível.”

No comando do executivo estadual, Pedrossian começaria sua interferência na futura capital de Mato Grosso do Sul. Para ele, as mudanças viriam, em especial, por meio da imposição de transformações estruturais.

“Empossado, lancei-me à tarefa de legar aos campo-grandenses um século 21 com uma cidade generosa, onde o andamento urbano respeitasse a

natureza, convivendo com ela em harmonia e salutar interação. Eu teria que encarar, e o fiz, a responsabilidade de marcar os caminhos do porvir, obra de superior inspiração de quem teria que prestar contas ao povo e a história.”

“Quanto mais a conhecia, como admirador, mais percebia que tinha que implantar, imediatamente, obras estruturais e implementar políticas sociais sustentáveis e duradouras que garantissem qualidade de vida à população, pois enormes eram as demandas sociais reprimidas.”

O político ainda se depararia com uma suposta resistência para com suas ideias de imediata modificação no jeito pacato, ordeiro e acomodado de uma cidade, que, até então, estava acostumada com um padrão mais simples. A proposta de Pedrossian para o impedimento foi o que chamou de “tratamento de choque”.

“Muitas de suas virtudes esbarravam, porém, em um certo acanhamento e recato ao expor todo seu potencial. Sua brejeirice interiorana de certa forma bloqueava o status necessário para o desempenho, com desenvoltura, do novo papel de cidade pólo e centro político, administrativo, cultural e de serviços que se avizinhava.”

“Era, portanto, necessário um tratamento de choque para que ela despertasse e emergisse como o referencial urbano de excelência que continha latente em suas vísceras.”

A edição do dia primeiro de fevereiro de 1968 do Correio do Estado publicava o óbvio.

“Ao movimento que se processa em Campo Grande em tórno da construção

de um nôvo Estádio, respondeu o povo cuiabano com uma reivindicação, junto ao Governador do Estado, no sentido de dar condições para que ali se construa o ESTÁDIO CIDADE VERDE – o “Verdão”, como já fora apelidado adredemente.”

O periódico não situa se tal pedido vinha de maneira formalizada, por meio de abaixo-assinado, manifesto, ofício ou algo do tipo, tampouco por intermédio de protesto nas ruas, com movimentos organizados. Entretanto, o artigo declarava que os cuiabanos também pediam os NCr\$ 300.000,00, adiantados por Pedrossian no lançamento da venda das cadeiras cativas, além de uma quantia a mais, “que poderia ser na casa de uns cem mil cruzeiros novos”, devido ao posto de capital ocupado por Cuiabá.

Já em tom opinativo, o texto sugere que fossem vendidas o dobro do número de assentos vitalícios para a edificação da arena cuiabana. Para o órgão de imprensa, “isso ajudaria muito a construção do ‘Verdão’ e tiraria o Governador da sinuca”.

Ainda que sem esclarecimentos, fontes pessoais ou documentais, a reivindicação de Cuiabá para ganhar um estádio estava registrada. Pedrossian via a cidade que comparou com seu berço, Miranda, por seus “detalhes de arquitetura”, “ar colonial” e “calor pantaneiro”, voltar-se a ele com uma sugestão pertinente. Desta vez, os cuiabanos que Pedrossian definiu como pessoas de “uma prazerosa leveza no trato”, “generosa e hospitaleira, sem economia de sorriso e cordialidade”, pareciam não ter motivos para sorrir quando o assunto era futebol.

A indignação dos torcedores de Cuiabá tinha fundamentos. Apesar de possuir apenas o Estádio Dutrinha como arena futebolística apta a receber públicos maiores, entre 5 mil e 10 mil torcedores, a cidade

já contava com o profissionalismo entre seus clubes desde 1967. Mixto e Dom Bosco, que fazem o clássico “Vovô” da cidade, eram as equipes que mais mobilizavam os aficionados da capital. Várzea Grande, município que se localiza a modestos sete quilômetros da Cidade Verde, era sede do time xará do campo-grandense Operário Futebol Clube. As três agremiações revezaram o título de campeão mato-grossense de futebol de 1958 a 1973, campeonato este que teve times de Campo Grande pela primeira vez em 1970, quando Comercial e Operário conquistaram segunda e terceiras colocações, respectivamente.

Já a cidade sulista, mesmo com suas três divisões em disputa, não sinalizava demanda para uma arena com as proporções anunciadas do estádio universitário. Apesar de humilde, com arquibancadas de madeira, o Estádio Belmar Fidalgo comportava os torcedores campo-grandenses sem demais problemas. Pela divisão de acesso e pela suburbana, a Vila Famosa também não era alvo de reclamações, tanto por parte dos atletas, quanto por parte dos aficionados que acompanhavam as partidas no local.

Após mais de três meses desde o início da vendas das cadeiras numeradas, quando o Correio do Estado anunciou que as obras do estádio seriam “atacadas de imediato” graças à disposição de recursos que a LEMC tinha para tal, a edição do dia 9 de março de 1968 do periódico tornava público o edital de concorrência nº1/68, de 5 de março daquele ano, que fazia referência à “construção do Estádio da Cidade Universitária de Campo Grande”. Apesar das atribuições anteriores da iniciativa da edificação da arena à LEMC, era o governo de Pedro Pedrossian quem tomara a primeira providência, representado pela CODEMAT (Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso).

O órgão estadual pedia NCr\$ 200,00 aos proponentes, para que

tivessem acesso ao desenho e projeto arquitetônico da obra, bem como as especificações gerais e relações das quantidades de serviços. As documentações para participar da concorrência deveriam ser entregues até 10 de abril no Ginásio da UCE. Para poder entrar na disputa pública, as empresas eram obrigadas a possuir capital mínimo de NCr\$ 250.000,00, além de depositar cheque calção de NCr\$ 15.000,00 no Tesouro do Estado.

O título acima do edital, ilustrado novamente pelo projeto do estádio em três dimensões, ainda anuncia pela primeira vez nas páginas do Correio o atual apelido do local: “Em Concorrenca o ‘Morenãõ’”. De acordo com profissionais da imprensa da época, a alcunha surgiu de forma natural entre a população e culminou sendo refletida nos jornais, em alusão ao vulgo campo-grandense de Cidade Morena.

No dia 15 de abril, o diário vespertino destacava a abertura das propostas apresentadas para a construção do estádio. Em solenidade realizada no Ginásio da União Campo-grandense de Estudantes, foram anunciadas cinco empresas interessadas. A Ribeiro Franco Ltda., de São Paulo, apresentou o melhor preço, cobrando NCr\$ 2.057.717,20 à vista para executar o serviço exigido pela CODEMAT. A San Marcos, também de São Paulo, orçou a obra em NCr\$ 2.427.332,00, seguido da também paulista Bonfiglio, que pediu NCr\$ 2.893.430,40 à vista, e da Constem, novamente de São Paulo, com orçamento de NCr\$ 3.828.584,80. A carioca Amafi, por sua vez, propôs o valor mais alto, com NCr\$ 6.062.227,60.

Ainda segundo o jornal campo-grandense, a escolha da empresa não seria feita, necessariamente, de acordo com os critérios de melhor viabilidade financeira. Ainda assim, sabe-se que a eleita para o serviço foi mesmo a Ribeiro Franco, dos engenheiros Osmar Rizzi e Artur Luiz Pitta, que ofereceu o menor valor entre as cinco concorrentes.

Estavam ali definidas as bases da construção do Estádio Morenãõ.

Tamanho, preço, local, finalidade. A gigantesca obra seria mais uma das ditas “faraônicas” edificações propostas e concretizadas pela ditadura militar no Brasil, a exemplo da Ponte Rio-Niterói e da Hidrelétrica de Itaipu, maiores símbolos da necessidade verde-oliva de demonstrar grandeza e poder por meio do uso irremediado dos cofres públicos.

Mais à frente, na edição do dia 12 de julho de 1969, o Correio do Estado publicaria um artigo em que aparenta questionar a política das mega construções do governo vigente. O texto tece críticas sobre a demora no reajuste salarial dos servidores estaduais, em especial, o dos professores. A alfinetada começa já no título: “Famintos em Palácios Faraônicos” e se segue com o decorrer da matéria.

“Absorto com obras em realização, o governo do Estado esqueceu-se do elemento humano que, na atual conjuntura, já sente a mesa farta e o estômago vazio. (...) não acreditamos que S. Excia., queira ver os nossos mestres praticamente famintos, ocupando palácios suntuosos, até certo ponto faraônicos.”

Mato Grosso entra na grande roda promovida pelos militares graças à política de integração dos estados distantes do eixo Rio-São Paulo, a fim de desenvolver nos locais mais longínquos o sentimento ufanista, do “ame-o ou deixe-o”, e o milagre econômico, valores já propagados pelos principais centros do país com a intenção de popularizar e demarcar o regime. A construção de arenas esportivas no interior do Brasil fez parte deste processo, e o surgimento do Morenão não foi uma exceção, assunto que será abordado com mais profundidade nos próximos capítulos.

No dia 8 de julho de 1968, o Correio do Estado publica uma

cobrança feita pelo então vereador de Campo Grande, Nelson Borges de Barros, a respeito do andamento da construção do estádio universitário. Na ocasião, o periódico destaca o requerimento do legislador ao governo do estado, “reiterando o pedido de informações sobre a situação da LEMC e a construção do estádio de esportes no Centro Universitário”.

O diário não especifica qual seria o problema que resultou no pedido de esclarecimentos por parte do vereador campo-grandense, mas passaram-se cerca de sete meses desde o início das vendas das cadeiras cativas e nenhuma outra notícia sobre o prosseguimento da iniciativa da liga desportiva havia sido veiculada, além daquelas já apresentadas aqui. Futuro presidente da LEMC, Nelson Borges de Barros já demonstrava interesse nas questões esportivas e fiscalizava os assuntos que envolviam e rodeavam a construção do Moreirão.

Na edição do Correio do dia 26 de agosto de 1968, data em que se comemora o aniversário de Campo Grande, um artigo sobre a administração estadual trazia alguns números importantes sobre a obra do estádio. Antes disso, é válido ressaltar que o registro ilustra uma incerteza em relação ao início da construção, pois o texto utiliza a flexão verbal no futuro ao relatar que “será construída uma Praça de Esportes”.

O periódico reafirma a capacidade do local para 40 mil pessoas, e publica que a obra custaria NCr\$ 2.377.950,49 e utilizaria volume de 6.250 metros cúbicos de concreto, valor equivalente para preencher cerca de 900 caminhões betoneiras. De acordo com a reportagem, “os projetos hidráulico, elétrico, sanitário, drenagem do campo, captação de águas pluviais, rede de telefone etc”, estavam sob a execução do escritório de Luiz Carlos Passerini e custavam NCr\$ 16.000,00. A terraplanagem da área de 73 mil metros quadrados seria financiada pela CODEMAT, enquanto que o projeto estrutural estaria sob os

cuidados de Artur Luiz Pitta, pela quantia de NCr\$ 97.000.00.

Além de ainda citar Levy Dias como executor da obra e Euclides de Oliveira como fiscal da mesma, a matéria estabelece, pela primeira vez, uma previsão para a conclusão do estádio: 20 meses. A contar do dia da publicação da reportagem, 26 de agosto de 1968, o Morenão deveria estar pronto para ser inaugurado no dia 26 de abril de 1970.

O atraso de quase um ano fora do prazo estabelecido pelo governo estadual não foi por acaso. A balela do combate à corrupção, defendida a ferro e fogo pelos autores do golpe de 1964, seria colocada à prova em breve. A sujeira deixada pela farra das cadeiras cativas começava a feder tanto quanto os dejetos dos morcegos que habitam as marquise do estádio universitário nos dias atuais.

3. SUJEIRA NAS NUMERADAS

O ano de 1968 chegava a seus últimos meses e as obras do Estádio Morenã ainda não haviam iniciado. A LEMC seguia com a morosidade em apresentar os resultados das vendas das cadeiras cativas, cuja arrecadação custearia uma parte da construção da arena universitária. O governador Pedro Pedrossian já havia destinado um valor de NCr\$ 300.000,00 ao presidente da liga, Levy Dias, para o começo imediato da empreitada. A concorrência entre as empresas interessadas em assumir a edificação do local fora providenciada pela CODEMAT, órgão do executivo estadual. A Ribeiro Franco, de São Paulo, tinha sido eleita para executar os serviços exigidos para a obra e cobrou o valor de NCr\$ 2.057.717,20. Com a lona aberta, só faltava armar o circo.

Ao passo que o campo-grandense aguardava seu palco para o esporte bretão na cidade, o cuiabano, por sua vez, reivindicava seu gigante de concreto nas mesmas proporções do faraônico Morenã. Pelo fato de instalar o Palácio do Alencastro, sede do governo estadual mato-grossense e, por consequência, ostentar o título de capital, havia quem defendesse o surgimento de uma praça esportiva até maior em seu tamanho e capacidade que aquela encaminhada para o município localizado ao sul da unidade federativa.

Para Pedrossian, ainda não era hora. Um projeto de lei aprovado em 30 de outubro de 1968 autorizava o executivo estadual a construir um estádio na Cidade Verde. Entretanto, o governador vetou a

iniciativa na íntegra e adiou o sonho dos desportistas cuiabanos. É o que noticia a edição do dia 16 de novembro de 1968 do Correio do Estado.

Segundo o artigo, a arena seria construída de maneira parecida com a proposta campo-grandense. Os custos da obra seriam bancados por meio de convênio entre a FMD (Federação Mato-grossense de Desportos) e o governo do estado. O projeto de lei autorizava o poder executivo a empreender o valor de NCr\$ 1.000.000,00, provenientes da “receita resultante da alienação das ações da PETROBRÁS”.

A justificativa do veto imposto pelo mandatário foi a inconstitucionalidade. De acordo com o veredicto de Pedrossian, a “renda proveniente da alienação das ações da PETROBRÁS tem destinação específica, que não pode ser alterada”. Estava estabelecida mais uma motivação para os conflitos de poder entre os nortistas de Cuiabá e os sulistas de Campo Grande. A cidade onde o futebol estava mais desenvolvido, profissionalizado e organizado, ficava, de vez, para trás na corrida dos estádios.

Com a virada do ano, chegava também a hora de novas eleições na Liga Esportiva Municipal Campo-grandense. O mandato de Levy Dias terminava, mas ele não pretendia largar a presidência da entidade e, para isso, tratou de providenciar sua reeleição. O cartola não disputaria sozinho. O então vereador Nelson Borges de Barros, que já havia demonstrado sua indignação sobre a forma como a obra do estádio universitário era tocada na Câmara Municipal, também preparava seu terreno visando o cargo ocupado por Levy.

Em 16 de dezembro de 1968, o diário Correio do Estado publica um artigo de opinião que mancharia a imagem do então presidente da LEMC com os envolvidos nos desportos daquela época. De acordo com o jornal, até a data, a diretoria da entidade municipal ainda não havia convocado o Conselho Deliberativo para promover a prestação

de contas da gestão vigente, o que o periódico tratou como um caso de “violência” contra uma tradição de 30 anos.

Segundo o Correio, a prestação de contas era obrigatoriedade estatutária da LEMC. O artigo ainda buscou pressionar Levy Dias a cumprir a regra, condicionando uma provável derrota no pleito caso não apresentasse as movimentações financeiras da instituição.

“Se o Presidente candidatar-se à reeleição, como é o caso do Sr. Levy Dias, com a prestação de contas o Conselho ficará conhecendo como êle se houve no manejo do dinheiro da entidade. Se as contas não estiverem corretas, o Conselho que forma o colégio eleitoral da Liga, tem um bom motivo para negar votos ao Presidente-candidato e eleger seu concorrente.”

No início de 1969, a edição do dia 8 de março do Correio do Estado trazia novidades a respeito da situação administrativa da LEMC. O vereador Nelson Borges de Barros derrubara o situacionista, Levy Dias, e vencera as eleições para a presidência da entidade desportiva. Ainda que às pressas, as contas foram prestadas ao Conselho Deliberativo, que, por sua vez, rejeitou os resultados devido a três irregularidades observadas pelos diretores.

Segundo o jornal, NCr\$ 300,00 destinados à Liga para a promoção do Torneio Início de 1968 não havia entrado na tesouraria e, por consequência, a destinação da verba não constava nos balancetes, caso semelhante ao paradeiro de uma doação em dinheiro feita pela Prefeitura também em 1968, que deveria ser direcionada aos clubes, mas não foi registrada. O terceiro ponto questionado foi um empréstimo de Cr\$ 1.000.000,00 em nome da LEMC, feito junto a um banco da cidade para o pagamento de contas de luz. Este último constava nos balancetes, mas causou estranhamento

entre os conselheiros, que não haviam sido consultados sobre esta movimentação financeira.

O presidente do Conselho e do Operário Futebol Clube, Carlos Mosclaro, pediu a convocação do ex-mandatário e de seu tesoureiro para que prestassem esclarecimentos sobre os casos destacados e que motivaram a reprovação das contas. De quebra, o organismo da entidade ainda votou pela revogação da Liberação nº 1/69, instituída por Levy Dias, que criava uma Comissão de Construção do Estádio da Cidade Universitária e ainda atribuía-lhe o cargo de presidente da mesma. Como resultado, foi estabelecido um prazo 72 horas para que o candidato recém-derrotado apresentasse uma prestação de contas exclusiva dos fundos angariados com a venda das cadeiras cativas e entregasse “à Diretoria da LEMC os livros contábeis, talões, relação nominal dos compradores de Cadeiras e os comprovantes dos depósitos do dinheiro já recebido em estabelecimento bancário”.

Ainda no mesmo dia, o periódico publicou uma reportagem sobre as reformas que estavam acontecendo no Estádio Belmar Fidalgo, e aproveitou o gancho para tecer críticas ao ex-presidente da liga. De acordo com o Correio, nenhum mandatário havia deixado o local tão “abandonado como ficou na gestão Levy Dias”, que “tinha obrigação e meios para fazer (a reforma)”, mas que “não fez por teimosia”.

O cerco para cima de Levy Dias fechava-se a cada nova reunião da LEMC, agora, recheada de seus opositores. Encerrado o prazo cedido ao ex-presidente, a edição do dia 12 de março daquele ano do diário publicara uma nova data-limite para a apresentação do acerto. Em novo encontro com a diretoria da liga de esportes, Levy teria mostrado um livro com os nomes dos proprietários das cadeiras com prestações já quitadas, e ainda ponderou que “o prazo que lhe fora dado era demasiado curto” e, por isso, não conseguiu finalizar a documentação pendente.

O ex-presidente apelou por mais 30 dias para concluir as contas e entregar o balancete e o restante dos papéis referentes às transações efetivadas com a comercialização das cadeiras cativas. Nelson Borges de Barros e seu Conselho Fiscal consentiram e estenderam o acerto para o próximo dia 10 de abril. Levy Dias ganhava mais uma chance para limpar o nome de sua gerência na LEMC.

Mais de um mês foi transcorrido e em 12 de abril daquele ano o diário vespertino atualizaria seus leitores sobre o imbróglio das cadeiras cativas e o dinheiro arrecadado em suas vendas. Com a insistência da nova diretoria da LEMC em descobrir o que teria acontecido com a verba, o periódico narra que, após a participação de Levy Dias em um encontro da LEMC, os membros do Conselho Fiscal da iniciativa esportiva foram até um escritório citado pelo ex-presidente como sendo o local onde se realizava a auditoria dos gastos. Foram entregues apenas as promissórias de venda das cadeiras cativas, o que, para os conselheiros, não era suficiente. Segundo o jornal, Levy estava em Cuiabá naquele dia.

A paciência dos novos cartolas da liga campo-grandense se aproximava do fim. Na edição do dia 26 de maio de 1969, o Correio do Estado noticia o que chamou de “divórcio” entre LEMC e Morenã. A matéria buscava narrar de forma resumida os acontecimentos desde a eleição de Nelson Borges de Barros e a cobrança da prestação de contas da comercialização dos assentos vitalícios, de responsabilidade da liga para financiar parte da construção do estádio. Na tentativa de minimizar o rombo criado pelo desaparecimento do dinheiro, o texto declarava que, após a transferência total da responsabilidade da obra à CODEMAT, os compradores das cadeiras que se sentissem no direito de reivindicar de volta seu dinheiro e entregar o assento adquirido seriam reembolsados.

De acordo com o veículo de imprensa, Nelson Borges de Barros se

esgotou de esperar pelo acerto financeiro e foi até Cuiabá para tratar do caso com o governador, Pedro Pedrossian. Em reunião, o chefe do executivo mato-grossense teria sugerido que a LEMC recuasse da parceria firmada, “avocando o Estado toda a responsabilidade do negócio, inclusive devolvendo aos adquirentes de cadeiras cativas o dinheiro pago”, caso manifestassem o desejo de renunciar à propriedade das cadeiras. O mandatário da liga desportiva levou a questão para o Conselho Deliberativo, que concordou com o “divórcio” e encerrou o acordo entre a entidade e o Estado.

Sobre o fim da parceria LEMC-Governo Estadual, o periódico entendia que “colocou-se um ponto final num negócio que começou mal e acabou da mesma forma”. A reportagem ainda relembra que o edital de concorrência nº 1/68, que estabelecia a concorrência para as empresas interessadas em tocar a obra do estádio, sequer citava o nome da entidade desportiva. Em tom crítico, o diário finalizava: “é pena que o povo campo-grandense continue ignorando os segredos de um negócio de mais de meio bilhão de cruzeiros antigos”.

Encerrava-se naquela matéria de 26 de maio a repercussão sobre o sumiço da verba arrecadada com as cadeiras cativas nas páginas do jornal Correio do Estado. Em entrevista cedida a Marisa Bittar e Amarílio Ferreira Junior em 2005, para um artigo bibliográfico sobre Euclides de Oliveira, engenheiro que teve participação nos cálculos da obra do Morenã, Levy Dias conta outra versão sobre a interferência do governo estadual na obra.

“Houve um momento em que a empreiteira de São Paulo entrou em colapso financeiro e a obra seria fatalmente paralisada. Preocupado, Levy foi a Cuiabá para conversar com o então governador Pedro Pedrossian, sugerindo-lhe que fizessem uma intervenção na empresa.”

Levy atribuiu a culpa pela necessidade da ingerência da CODEMAT na obra à um suposto problema de ordem financeira com a empresa responsável pela obra, a Ribeiro Franco. A afirmação vai de encontro com as informações prestadas pelo Correio na época, quando noticiou o encontro que derivou a intervenção da empresa estadual como sendo realizado meses após a derrota de Levy Dias nas eleições da LEMC, ao contrário do que foi descrito na entrevista pelo ex-presidente da iniciativa esportiva.

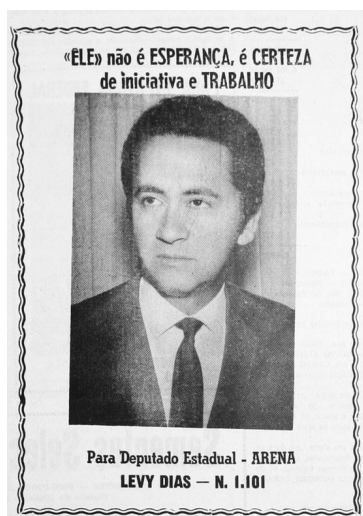
Anos mais tarde, o jornal O Estado de São Paulo relembriaria o sumiço do dinheiro dos assentos vitalícios em suas páginas. Pedrossian já governava um recém-criado Mato Grosso do Sul quando a edição do dia 13 de novembro de 1982 publicava a matéria “Corrupção e contrabando no governo de Pedrossian”, em que trazia denúncias feitas pelo então candidato a deputado estadual do PMDB, Valter Pereira.

“Fontes de órgãos de informações do Estado fazem muitas críticas a Pedrossian. Querem saber, por exemplo, porque centenas de obras foram executadas sem concorrência pública, ou os motivos que levaram à venda de 1.500 cadeiras cativas do estádio de futebol Pedro Pedrossian sem que a população soubesse o destino dado a esse dinheiro.”

Apesar do clima tropical de Campo Grande, uma densa névoa de incertezas pairava sobre a construção do estádio da Cidade Universitária. Os indícios de que o dinheiro arrecadado com as vendas das cadeiras cativas teriam sido desviados eram significativos, enquanto as explicações e justificativas para o extravio eram tortuosas. Mais de dois anos após a demissão de Pedrossian por improbidade administrativa na superintendência da Estrada de Ferro Noroeste

do Brasil, quando já ocupava o cargo de governador, chegava a vez do nome de Levy Dias ser ventilado pela imprensa, vinculado às denúncias de corrupção.

O caso nunca encontrou sua solução e, por consequência, os culpados não foram responsabilizados e punidos. Ao que consta, sabe-se que Levy Dias elegeu-se deputado estadual por Mato Grosso em 1970 pela ARENA, e ainda foi indicado pelo regime militar a assumir a prefeitura de Campo Grande, cargo público que exerceu entre 1973 e 1977. O governador Pedro Pedrossian ainda manteve Levy no quadro de funcionários da CODEMAT, continuando como executor na construção da praça esportiva. No dia da inauguração do Estádio, o político se dirigiu ao centro do gramado em cerimonial de abertura ao lado de Pedrossian.



Publicidade da candidatura de Levy Dias à Assembleia Legislativa, veiculada no Correio do Estado de 12/10/1970

4. PEDROSSIAN E O FUTEBOL

A aproximação do então governador de Mato Grosso, Pedro Pedrossian, com o futebol remete ainda à sua infância na cidade de Miranda. Em seu livro de memórias, o político relata sua relação com o esporte bretão nos campos de várzea da cidade interiorana, quando, segundo ele, o time local era imbatível ante aos adversários das localidades mais próximas.

“Os mirandenses se destacavam, na época, pelo seu excelente futebol, o que era lembrado com raiva pelo legendário dr. Miranda Horta, sempre que batíamos os aquidauanenses. Futebol em Miranda era um capítulo a parte. A cidade sempre contou com bons jogadores, tanto que muitos deles, posteriormente, foram jogar em times paulistas, como Mogiana, Guarani e Ponte Preta. O nosso time era famoso. Em Miranda, os adversários quer fossem de Três Lagoas, Aquidauana, ou de qualquer outra localidade do Estado, eram destruídos.”

As lembranças de Pedrossian perpassam pelos cortejos que acompanhou como pequeno torcedor, rememorando-se de velhos personagens que abrilhantavam o futebol amador mirandense da época. As provocações, brincadeiras e causos também faziam parte da cultura e do folclore do município localizado a oeste de Campo Grande.

“Assisti, em Miranda, a jogos memoráveis a sombra do velho tamarineiro que o dr. Miranda Horta, notável médico daquela cidade, quando acompanhava as partidas, ficava indignado pela competência com que os mirandenses jogavam futebol. Dizia ele: “Os mirandenses têm a cabeça nos pés.””

“O que, todavia, os deixava mais irados era o Periquito, um velho que andava de terno branco e guarda-chuva: toda vez que era marcado um gol nosso, atravessava o campo e dava uma volta olímpica, gloriosa. Todos agitavam, aplaudiam, gritavam. Durante a semana, ele cuidava de sua horta, produzindo verduras. Em dia de jogo, colocava o seu terno branco para cumprir a sua função: acabar com o moral do adversário.””

Em 1941, Pedrossian tinha 13 anos e foi mandado ao Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, internato situado em Campinas-SP. No local, o futuro governador também mostrara intimidade com a bola nos pés em momentos decisivos, conforme conta em sua autobiografia.

“As recordações do internato não são muitas. Lembro que, no último ano, fomos campeões da escola no torneio de futebol. Marquei o gol da vitória, de bico, de fora da área. O goleiro adversário era o Saad.””

Longe de suas raízes e de sua cidade natal, o garoto chegava a desafiar as leis rígidas que controlavam o internato para reencontrar velhos amigos. De acordo com Pedrossian, alguns mirandenses se destacaram a ponto de comporem as principais agremiações do futebol campinense.

“No interior de São Paulo, na região de Campinas, existiam os times da

Mogiana, Guarani e Ponte Preta. Alguns jogadores de Miranda jogavam nesses clubes. O que acontecia? Burlando a fiscalização do Liceu, fugia alguns momentos para visitar meus colegas de Miranda: no Mogiana, o Índio, jogador do Canto do Rio; Chiquinho, o Orestinho, que depois se tornou um grande zagueiro do Guarani; o Lair, companheiro de infância; o Bagre, ponta-esquerda; o Godê, por muitos anos centro-médio do Guarani.”

Ademais, seu envolvimento com o futebol antes da construção do estádio em Campo Grande teve seu momento mais significativo quando já era engenheiro da NOB, na cidade de Três Lagoas. No extremo leste de Mato Grosso, Pedrossian chegou a ser cartola de uma das equipes do local, o Esporte Clube Noroeste. O político credita a descoberta de sua inclinação política às ações, inclusive as desportivas, que promoveu à frente da companhia.

“Cabe assinalar que a política veio se manifestar efetivamente através da liderança legítima e reconhecida que exercia sobre meus subordinados na estrada de ferro. Tanto que fui guindado a posição de presidente do E.C. Noroeste, quando tomei a decisão de construir na época, uma moderna praça de esportes. Para isso, contagiei a todos e pude contar com a colaboração daqueles companheiros, que após o expediente normal, davam duas horas diárias de trabalho sem remuneração, com todo entusiasmo.”

O local reservado ao esporte mencionado por Pedrossian ainda foi batizado com o nome do então engenheiro, precedendo assim a intitulação oficial atribuída ao estádio da Cidade Universitária. A conexão que o político tinha com o futebol, que partiu de sua

vivência na várzea mirandense durante a infância, agora chegara à iniciativa de edificar o maior estádio do Centro-Oeste brasileiro naquela época.

No dia 16 de setembro de 1969, o jornal Correio do Estado divulgava mais uma concorrência aberta relacionada às obras do Morenã. A licença do Departamento de Obra Públicas da Secretaria de Viação do Governo do Estado tratava da execução dos acabamentos da área coberta do estádio, que deveriam ser concluídas dentro de um prazo estipulado em 300 dias. A entrega das propostas seria feita até o dia 14 de outubro daquele ano.

Diferente do primeiro edital de concorrência, em que o diário vespertino detalhou seus resultados com números, nomes das empresas e valores, o periódico limitou-se a informar que a firma vencedora fora, novamente, a Ribeiro Franco, de São Paulo, que já vinha executando as obras no local. Todavia, o contrato entre a CODEMAT e a construtora paulista só seria assinado em 6 de março de 1970, firmado com o valor de NCr\$ 3.241.058,80.

De acordo com a edição do dia 10 de março do Correio, as obras abrangiam as “instalações elétricas e hidráulicas e todas as demais instalações daquele estádio”. Ainda segundo o jornal campograndense, o desejo do governador era de que a construção do estádio universitário fosse entregue em dezembro daquele ano.

O prazo de 20 meses para a conclusão das obras da arena esportiva, divulgado em 26 de agosto de 1968, já estava descartado, afinal, o contrato para o término da edificação foi assinado faltando pouco mais de um mês da data previamente estipulada. O executivo estadual agora ansiava pela inauguração do estádio para dezembro, mas o local só receberia sua primeira partida de futebol um ano após a assinatura do contrato firmado para a execução dos acabamentos.

A partir dali, a construção do gigante de concreto entrava em sua reta final. E Campo Grande ainda viria a receber uma visita ilustre.

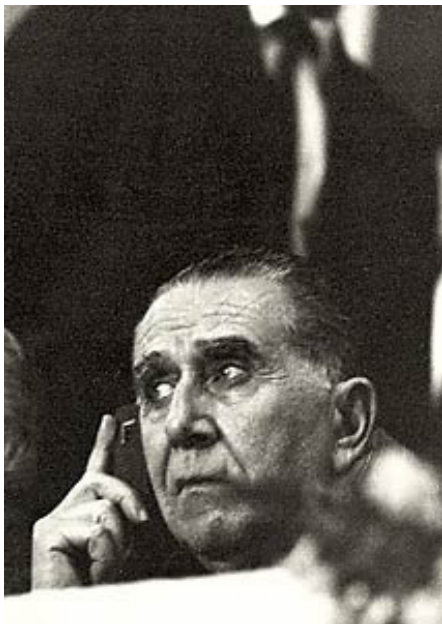
5. MÉDICI E HAVELANGE ENTRAM EM CAMPO

Àquela altura, Emílio Garrastazu Médici já estava na presidência do país, substituindo Costa e Silva. Com ele à frente do Brasil, os movimentos de luta organizada contra a ditadura militar sofreram seu período de maior repressão e violência. Os revolucionários Carlos Mariguela e Carlos Lamarca foram assassinados durante sua gestão, que já se iniciou sob as imposições do Ato Institucional nº 5, decretado por Costa e Silva e que concedia poder de exceção aos governantes, livres para punir arbitrariamente os subversivos ao regime.

A ditadura Médici ainda usufruía de forte aparato publicitário para popularizar as políticas promovidas pelos homens da caserna. Foram utilizados adesivos, cartazes, todos os tipos de material de propaganda, além de intervenções em televisão e rádio, que pregavam o ufanismo nacionalista e a confiança em um Brasil forte, integrado e desenvolvido. Com o futebol não foi diferente. É o que descreve Daniel de Araújo dos Santos, em sua dissertação de mestrado “Futebol e Política: A criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol” quando ressalta a criação da AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas) em janeiro de 1968.

“A ideia era justamente apropriar-se dos meios de comunicação a fim de propagandear os feitos do regime, atraindo a simpatia da população e esvaziando o discurso de oposição contra os militares. E, mesmo tentando

ao máximo se desvincular do culto ao líder dos tempos varguistas, a AERP procurava apresentar os presidentes como 'boa gente', pessoas comuns, o que ligava os mandatários máximos a seu povo. Nesse sentido, Costa e Silva seria o "seu Artur", enquanto seu sucessor Médici costumava ser fotografado escutando rádio de pilha no Maracanã ou cabeceando uma bola de futebol."



Emílio Médici fotografado por Assis Hoffmann de ouvido colado ao rádio de pilha

O historiador ainda relembra da intervenção direta do governo na seleção brasileira de futebol. Na ocasião da Copa do Mundo de 1970, o treinador João Saldanha, ligado a movimentos políticos esquerdistas, foi demitido do cargo a poucos meses do Mundial, ocasião perfeita para que os fardados de verde-oliva povoassem a

comissão técnica do escrete canarinho.

“Ainda em março, a militarização da delegação brasileira é anunciada com a indicação do major brigadeiro Jerônimo Bastos como chefe, auxiliado pelo major Ipiranga Guarany. Mário Zagallo seria o técnico com a assistência da preparação física de oficiais formados na escola de Educação Física do Exército.”

A interferência da ditadura entre os selecionados para a Copa do México chegou ao ponto de Médici telefonar para os jogadores e cobrá-los resultados. O craque ex-Corinthians e Fluminense, Rivelino, recordou o acontecimento em entrevista ao programa de TV “Kajuru Pergunta”.

“O presidente cobrava muito da gente (...) depois de todo o jogo em Guadalajara ele ligava para a concentração e o Jerônimo Bastos falava que ele queria falar comigo (...) falei com ele até a semi-final (...) havia uma necessidade da vitória devido ao problema da Ditadura então eu dizia para ele que iríamos ganhar.”

O selecionado brasileiro voltou com o título, legitimado por grandes atuações e com direito a goleada sobre a Itália na final da Copa por 4 a 1. Após a vitória tão desejada e cobrada para alavancar suas ações ufanistas, Médici aproveitou para discursar e associar a vitória de Tostão, Jairzinho, Pelé e companhia ao regime militar. O Correio do Estado de 22 de junho de 1970 reproduziu a fala do general.

“Na hora em que a Seleção Nacional de Futebol conquista definitivamente

a Copa do Mundo após memorável campanha (...) desejo que todos vejam no Presidente da República um brasileiro igual a todos os brasileiros, como homem comum, como um brasileiro que, acima de todas as coisas, tem um imenso amor pelo Brasil e uma crença inabalável nesse país e nesse povo. Sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração do que alegria de ver o nosso povo, no sentimento da mais pura exaltação patriótica. Na vitória esportiva a prevalência de princípios que nos devemos armar para a própria luta do desenvolvimento nacional.”

Em janeiro de 1971, o presidente Emílio Garrastazu Médici derrotou o goleiro Félix, campeão mundial com o Brasil em 1970, no prêmio Troféu Estácio de Sá, oferecido pelo Conselho de Esportes do Museu da Imagem e do Som. O ditador foi eleito para o título por aclamação.

Emílio Médici ainda teve um aliado fundamental em seu projeto de propagação, difusão e aceitação dos ideias nacionalistas incentivados em seu governo: Jean-Marie Faustin Goddfrois D’Havelange, ou simplesmente João Havelange. À frente da CBD de 1958 a 1974, o cartola aliou-se aos militares para tornar possível sua ambição incessante de assumir o posto de Sir Stanley Rous na presidência da FIFA, o que aconteceu nas eleições de 1974 e perdurou até 1998. Embora espionado pela ditadura, Havelange e os generais falavam a mesma língua, como expõe o historiador João Fernando Pelho Ferreira.

“(...) foi seguido de perto pelo governo militar brasileiro, mas nunca desagradou os generais, pelo contrário. A tentativa de alavancar a opinião pública em favor dos homens da caserna mediante a associação do governo ao futebol e à conquista do tricampeonato aproximou,

sobremaneira, Havelange dos presidentes militares, sobretudo de Emílio Garrastazu Médici e Ernesto Geisel.”

Ferreira ainda atribui a João Havelange, em ideias confluentes com as percepções do regime ditatorial brasileiro, o que chama de “invenção do país do futebol”, em um processo que incluiu a impulsão da conquista do tricampeonato mundial do México em 1970, a criação do Campeonato Brasileiro de clubes em 1971, e a promoção da Copa do Sesquicentenário, realizada em comemoração ao aniversário de 150 anos da proclamação da independência do Brasil em 1972.

“(…) Havelange presidiu a CBD de 1958 a 1974, e isso só foi possível pela grande influência que conseguiu reunir nos corredores do Palácio do Planalto, nos corredores das emissoras de televisão, nas viagens aos Estados brasileiros para encontro com os presidentes das federações – que receberam quantias em dinheiro para mantê-lo no cargo por tanto tempo. E toda essa influência fez com que Havelange conseguisse alcançar o posto mais alto do futebol por 24 anos, até se aposentar e ser o presidente de honra da FIFA. O país do futebol, sem dúvidas, foi uma invenção de Havelange, e não só dele, em conluio com o governo militar.”

Na edição do dia 8 de abril de 1970, o Correio do Estado anunciava a vinda de João Havelange à Campo Grande. De acordo com o jornal, a programação do dirigente desportivo começaria com uma entrevista coletiva na sede da LEMC, um almoço oferecido pelo então prefeito campo-grandense, Antônio Mendes Canale, e uma visita às obras do estádio da cidade universitária. Ao final da tarde, Havelange seguiria rumo a Corumbá.

A passagem do presidente da CBD por Mato Grosso tinha o propósito final de prestigiar a posse do mais novo mandatário eleito para comandar a FMD, em Cuiabá. Tratava-se do economista Agripino Bonilha Filho, curiosamente, afillhado de João Havelange. Na época, o corumbaense Bonilha era presidente da Junta Comercial de Mato Grosso e concorreu ao pleito da Federação pela chapa “Renovação”, composta também por seu vice, o capitão Newton Ferrari.

No dia 10 de abril, uma sexta-feira, o cartola da CBD desembarcou no Aeroporto de Campo Grande, sendo recebido por Agripino Bonilha Filho e Nelson Borges de Barros, além de dirigentes de clubes e militares. De acordo com o Correio do Estado do dia 11 de abril de 1970, a primeira escala da visita de João Havelange foi no Quartel General, onde se encontrou com o General Ramiro Tavares por cerca de 15 minutos. Em seguida, partiu para a sede da LEMC e caminhou pelo Estádio Belmar Fidalgo, pouco antes de uma entrevista coletiva cedida à imprensa. Sobre a conversa com os jornalistas, o diário vespertino limitou-se a publicar que “foi um tanto longa, uma vez que Havelange, de palavra fácil e dominando os assuntos relacionados com os desportos do país, deu resposta bem longa e convincente à todas as perguntas”.

Os clubes esportivos de Campo Grande e a LEMC ainda homenagearam o cartola da CBD com cartões de prata, em lembrança à sua passagem pelo município do sul mato-grossense. Após o pronunciamento aos profissionais da comunicação, Havelange foi levado até a Churrascaria Cantero para o almoço prometido pelo prefeito Antônio Mendes Canale. Entre os presentes estavam o General Ramiro Tavares, o presidente da Câmara Municipal da cidade de Dourados, Walter Brandão da Silva, o chefe do setor Sul do Departamento de Obras Públicas de Mato Grosso, Avedis Balabanian, o presidente da Câmara Municipal de Campo Grande, David Balaniuc, o delegado regional de polícia, Alfredo Scaff, o

secretário de administração municipal de Campo Grande, Rubens Neder de Souza, e o secretário de saúde campo-grandense, Eloy Pereira, além de Nelson Borges de Barros e Bonilha Filho.

Segundo o Correio do Estado, João Havelange respondeu aos cumprimentos de Canale durante o almoço destacando que “se em dificuldade estiver o vosso desporto, apela à CBD e eu vos direi: Presente, Mato Grosso”. A afirmação do mandatário teria arrancado “prolongados aplausos dos presentes”.

Da churrascaria, Havelange vistoriou as obras do estádio universitário e, de acordo com o que relatou o Correio, saiu de lá “muito entusiasmado com o que se faz, no momento, para fortalecer os desportos de Campo Grande”. Ao lado de seu afilhado e do presidente da LEMC, o mandatário da CBD se despediu da Cidade Morena e embarcou para Corumbá no fim de tarde.

A próxima visita do futuro presidente da FIFA aconteceria dali a onze meses, quando participaria da inauguração de mais uma das obras faraônicas do esporte que emergiram durante a ditadura militar no país.

6. ATRASADO, MAS QUASE LÁ

O ano de 1970 se aproximava de sua metade. Segundo nova estimativa revelada pela licitação de término da obra, restavam pouco mais de seis meses para a inauguração do estádio. O primeiro prazo firmado pelo governo estadual já fora rompido em abril daquele ano. O sumiço do dinheiro arrecadado com as vendas de cadeiras cativas, de responsabilidade da LEMC durante a gestão de Levy Dias, não foi justificado à nova diretoria da entidade, o que causou o rompimento da associação entre a liga e o governo estadual de Pedro Pedrossian.

Na edição do dia 4 de junho de 1970, o Correio do Estado publica um trecho do relatório providenciado pela CODEMAT, que assumiu a edificação do estádio após a saída da LEMC. De acordo com o fato noticiado, o Morenão já custara Cr\$ 1.959.594,14 aos cofres públicos, em que a maioria do valor havia sido empregada na construção civil, com Cr\$ 1.640.602,60. Os serviços preliminares de terraplanagem e movimento de terra saíram por Cr\$ 117.259,32, enquanto as “despesas realizadas pela Liga Esportiva Municipal Campograndense” somaram Cr\$ 212.732,22. O diário vespertino não especifica quais foram estas despesas empregadas pela LEMC, responsáveis por quase o dobro dos gastos com a terraplanagem.

O jornal ainda explica que Cr\$ 805.258,17 do montante eram representados por promissórias a vencer, enquanto Cr\$ 224.281,82 eram provenientes de receitas das cadeiras cativas comercializadas pela liga campo-grandense. Ou seja, ao contrário do que se prometeu

quando do lançamento do estádio, a LEMC, até aquela data, havia custeado aproximadamente 11,4% da edificação do estádio. Há três anos, o anúncio da construção da arena esportiva em Campo Grande dava conta de que a entidade desportiva entraria com 50% dos gastos totais.

A constatação torna o destino não declarado da quantia arrecadada com as vendas dos assentos vitalícios ainda mais nebuloso.

No Correio do Estado veiculado no dia 30 de junho de 1970, circulou uma curta nota sobre uma visita do chefe do executivo estadual, Pedro Pedrossian, às obras do estádio universitário. O jornal destaca que o governador esteve no local acompanhado de sua esposa e de seus filhos, e ressalta a “ótima impressão” demonstrada pelo político arenista, que teria testemunhado a construção sendo “executada rapidamente”.

Entretanto, aquela velocidade não parecia tão ideal para Pedrossian, que tinha pressa e queria que o local estivesse finalizado em dezembro. Para a empreitada, o governador exigiu que Levy Dias, encarregado pelas obras do estádio, “incorporasse ao quadro de operários mais 600 homens”, de acordo com o que veicula a edição do dia 8 de julho daquele ano do jornal Correio do Estado. O objetivo do político era de que as obras tomassem “cadência acelerada” para que o Morenã fosse entregue “o mais breve possível”.

Já na edição do dia 29 de agosto de 1970, o diário vespertino repercutiu a respeito de outra visita às obras do Morenã, desta vez, promovida por jornalistas de Aquidauana, Campo Grande, Corumbá, Cuiabá, Dourados e Três Lagoas que estavam no município para participar do 2º Congresso Mato-grossense de Jornalistas Profissionais. O veículo de comunicação ressalta que a iniciativa de convidar os profissionais da imprensa foi de Levy Dias. Na ocasião, o executor afirmou que a construção estaria orçada na casa dos Cr\$ 10.000.000,00 e que

só fora possível “graças ao interesse do Governador Pedro Pedrossian em dinamizar todos os setores de sua administração, inclusive os desportos”. O artigo adianta ainda que os jornalistas presentes puderam ver “a movimentação de mais de 750 homens e dezenas de máquinas (...) visando concluir o serviço até o dia 31 de dezembro, data prevista pelo Governador Pedro Pedrossian para entrega do Morenã aos desportistas de Mato Grosso”.

Mesmo com toda a repercussão do sumiço do dinheiro das cadeiras numeradas, o nome do ex-presidente da LEMC, Levy Dias, continuava associado aos esportes em Mato Grosso. Mantido por Pedrossian no cargo de executor da obra do estádio universitário e agora candidato a deputado estadual pela ARENA, Levy manteve sua influência política nos corredores das ligas esportivas, como na Federação Mato-grossense de Desportos. A edição do Correio do dia 4 de setembro de 1970 reporta aos leitores que o presidente da FMD, Agripino Bonilha Filho, havia nomeado Levy Dias para ser representante da entidade no sul do Estado.

O ex-presidente da LEMC teria viajado até Cuiabá uma semana antes da publicação da matéria, quando falou à imprensa local que se integraria “na luta para elevar o futebol de Mato Grosso ao nível que merece”. O cartola ainda apropriou-se da construção do Morenã quando foi indagado a respeito da possível implantação do futebol profissional em Campo Grande. Segundo o periódico, Levy afirmou que o surgimento do estádio era “resposta a qualquer dúvida quanto aos desportos em Mato Grosso, principalmente se a dúvida pairar sobre o Sul do Estado”.

No entanto, quem deu o primeiro passo para a implementação do profissionalismo entre os clubes campo-grandenses foi a própria LEMC, então dirigida por Nelson Borges de Barros. Segundo consta na edição do dia 19 de setembro do Correio do Estado de 1970, a

liga teria criado uma comissão especial para buscar subsídios em prol da inserção profissional no esporte bretão. Além do grupo, o diretor esportivo e presidente do Conselho Técnico da LEMC, Darcy Lira Ribeiro, fora mandado ao Rio de Janeiro-RJ com o objetivo de aproximar contato junto a cartolas experientes do futebol carioca para trazer auxílio financeiro ao projeto.

Em 20 de setembro daquele ano, a FMD ainda prestaria homenagem para o governador Pedro Pedrossian por atribuir ao político o título de Benemérito do Esporte Mato-grossense. No entanto, chegava dezembro e sua maior benfeitoria aos futebolistas do Estado atropelava mais um prazo estipulado para inauguração.

No dia 6 de dezembro, a reportagem do jornal Correio do Estado visitou o estádio e observou que a grama do campo de futebol começara a ser plantada há pouco tempo. Apesar de todo apelo à aceleração da obra, Pedrossian atrasou o presente de Natal dos desportistas de Campo Grande.

O ano de 1971 chegou e, com ele, as cadeiras cativas e as luminárias que seriam instaladas no estádio universitário. Matéria do dia 9 de janeiro destaca o “descarregamento da primeira parcela de cadeiras cativas”, compradas no Rio Grande do Sul, e das 72 luminárias da marca holandesa Philips. De acordo com o jornal, o sistema de iluminação que seria instalado no Moreirão só existia no Beira-Rio, em Porto Alegre-RS; no Mineirão, em Belo Horizonte-MG; e no Morumbi, em São Paulo-SP. A coluna “Empresas & Negócios” da edição de 6 de março do jornal Folha de São Paulo daquele ano, véspera da inauguração da arena esportiva de Campo Grande, vai até mais longe e compara as luminárias compradas para o Moreirão àquelas que equipam os estádios Santiago Bernabeu e Anfield Road, do Real Madrid da Espanha, e do Liverpool da Inglaterra, respectivamente.

A notícia do Correio revelou também quais seriam os clubes escolhidos para a inauguração do estádio da cidade universitária. Curiosamente, os dois times de maior apelo nacional, Sport Club Corinthians Paulista e Clube de Regatas Flamengo. De acordo com o jornalista Silvio Andrade, na época, engatinhando no jornalismo esportivo do periódico campo-grandense Diário da Serra, foi feita uma enquete na cidade para escolher os clubes que protagonizariam os primeiros lances do Morenã. Para o historiador João Fernando Pelho Ferreira, a opção pelas equipes de maior torcida do país tinha o dedo de João Havelange, presidente da CBD, e do governador Pedro Pedrossian.

“Interessante notar que a inauguração de um estádio no Mato Grosso teve como primeiro jogo uma disputa envolvendo times de São Paulo e Rio de Janeiro. Por que o confronto não foi entre Operário Futebol Clube e Esporte Clube Comercial, ambos de Campo Grande?”

“A escolha feita por João Havelange e Pedrossian denota que, antes de tudo, era preciso que a cerimônia de inauguração estivesse com as arquibancadas lotadas, evidenciando a preocupação das autoridades em ver o ‘Morenã’ repleto de torcedores. Nesse sentido, esse confronto seria um chamariz extremamente relevante.”

Na edição do dia 15 de janeiro de 1971, o Correio do Estado solta uma nota sobre a realização de cerimônias de inauguração na Cidade Universitária. O diário afirmou que nos dias 5 e 6 de março daquele ano seriam estreados o hospital, o restaurante, a piscina e o teatro do local. Todavia, após dois atrasos no cronograma das obras do Morenã, a data de inauguração da arena universitária não fora divulgada no mesmo artigo.

Já no dia 28 de janeiro, o periódico de Campo Grande anuncia a inauguração do Drive-In, localizado dentro da Cidade Universitária. A imponente tela de projeção do local faria sua primeira exibição dali dois dias, com um filme sobre a Copa do Mundo do México. Curiosamente, a obra pública do arenista Pedro Pedrossian estrearia um filme sobre a conquista da seleção brasileira de futebol no período em que Médici já dera início à sua máquina propagandista, que o associava ao esporte bretão no país.

A menos de um mês da inauguração oficial do estádio universitário, o Correio do Estado reproduziria um trecho de um artigo publicado no jornal O Estado de Mato Grosso, de Cuiabá, no qual manifesta uma possível vinda do então presidente do Brasil até Campo Grande para o amistoso de inauguração da arena. Médici já havia morado na cidade do sul mato-grossense entre 1961 e 1963, período em que permaneceu como comandante da 4ª Divisão de Cavalaria. De acordo com a notícia veiculada no Correio, o general inauguraria o Estádio Otávio Mangabeira, a Fonte Nova, em Salvador-BA, três dias antes da estreia do Morenã, o que facilitaria a vinda do chefe do executivo nacional.

Com a incerteza sobre o prestígio do presidente ao primeiro jogo de futebol realizado no Estádio Morenã, os preparativos para a abertura dos portões do gigantesco estádio de Mato Grosso entravam em sua última semana. Até ali, 1.233 dias se passaram desde o anúncio na capa do Correio do Estado de 14 de outubro de 1967. Mais de três anos transcorreram para que o mais novo empreendimento farônico ganhasse vida. Sem o Estádio Mané Garrincha, em Brasília-DF, inaugurado em 1974, e o Serra Dourada, em Goiânia-GO, de 1975, o Morenã nasceria como o maior do Centro-Oeste brasileiro, em uma cidade onde ainda se organizava o futebol de forma amadora.

O jornal Correio do Estado do dia 1º de março daquele ano antecipava

a notícia da primeira interdição sofrida pelo estádio da cidade universitária de Campo Grande. O local ficaria fechado por quatro meses logo após o amistoso entre Corinthians e Flamengo por medidas de prevenção. Segundo o periódico, os engenheiros responsáveis pela obra entenderam que a paralisação era “imprescindível “para total formação e segurança do mesmo”.

A edição número 54 da Revista Concreto & Construções, publicada pelo Ibracon (Instituto Brasileiro do Concreto) em junho de 2009, traz como matéria principal um estudo sobre o estado de conservação e de segurança do estádio. O artigo enumera diversos fatores que dificultaram a edificação do estádio, ocasionaram problemas em sua estrutura e ainda contribuíram para o atraso na finalização do mesmo.

“Durante a execução, inúmeros problemas ocorreram e, muitas vezes, em função da distância aos grandes centros e da precariedade dos sistemas de comunicação, as respostas às consultas enviadas para a matriz da projetista ou da construtora tardavam e, quando as soluções chegavam, quase que invariavelmente, já se tinha adotado uma solução alternativa.”

“Para o concreto, foram utilizados agregados locais, mas, como no início da década de 70 era comum a falta de cimento no país, foram empregados variados tipos desse aglomerante, inclusive cimentos importados de países como o Paraguai e a Polônia, optando-se, em função dessa variedade, pela não utilização de aditivos.”

“As condições climáticas e falta de materiais e de mão-de-obra qualificada no restrito mercado local atrasaram a obra e, na etapa final, a execução se processava em três turnos, dificultando significativamente os trabalhos de execução, acompanhamento e controle.”

No dia anterior à inauguração, 6 de março, um sábado, o Correio do Estado publica uma pequena nota intitulada “O MorenãO será inaugurado amanhã”. A matéria aparece no canto inferior esquerdo da capa do periódico, mesma localização da notícia que anunciou sua construção, mais de três anos atrás. A partida começaria às 16 horas e a expectativa era de que o gigante abrigasse 45 mil pessoas naquele domingo, sua lotação máxima.

O jornal anuncia também o fim de semana cheio de compromissos do governador Pedro Pedrossian em Campo Grande, que naquele dia participaria das cerimônias de inauguração do Quartel do Corpo de Bombeiros, da Avenida Costa e Silva, que dá acesso ao estádio e, por último, das obras integrantes do complexo universitário, como o monumento simbólico, os Centros de Ciências Biológicas, Humanas e Tecnológico, o restaurante, a piscina e o hospital. Pela noite, conforme anunciado anteriormente no diário, o Drive-In também faria sua primeira exibição.

No dia anterior, a Usina Hidrelétrica de Mimoso havia sido inaugurada em Ribas do Rio Pardo, também com a presença de Pedro Pedrossian. Foi um festival de cerimônias e eventos para festejar as construções, mas nada por acaso ou mera coincidência de datas. Aqueles eram os últimos dias do mirandense à frente do governo estadual, que assumira em 31 de janeiro de 1966. No próximo dia 15 de março, o político arenista daria lugar a José Manuel Fontanillas Fragelli, então presidente estadual da ARENA, indicado por Médici para assumir o executivo mato-grossense.

O fechamento do mandato do engenheiro Pedro Pedrossian culminaria na inauguração do estádio faraônico, que hoje leva seu nome em letras capitulares na fachada. Segundo o homenageado, o batizado foi “iniciativa carinhosa de Levy Dias, que, como deputado, providenciou o projeto legislativo”.



ROBERTO HIGA

Profissionais do extinto Diário da Serra em visita às obras do Moreirão

7. SURGE O GIGANTE DE CHUMBO

Naquele 7 de março de 1971, o Brasil amanheceu com a notícia “Corinthians e Flamengo inauguram o ‘Moreirão’”, veiculada pelo jornal O Estado de São Paulo. O periódico destina meia página para tratar exclusivamente do assunto, trazendo os preparativos dos times paulista e carioca, bastidores, escalações e informações resumidas sobre o estádio universitário.

De acordo com o diário, a equipe de São Paulo sairia do aeroporto de Congonhas às 8h30 rumo a Campo Grande, porém, sem os jogadores Ditão e Joaquim Rocha, o primeiro devido a problemas com contusão e o segundo por razões que não foram esclarecidas. Na manhã anterior, o grupo corintiano havia treinado por 50 minutos, sendo definido então o time titular: Ado; Zé Maria, Almeida, Luís Carlos e Sadi; Tião e Rivelino; Lindoia, Paulo Borges, Mirandinha e Aladim, sob o comando do técnico Aimoré Moreira.

Pelo lado flamenguista, o treinador era o corumbaense Dorival Knipel, o Yustrich, ex-goleiro de Vasco, América-RJ e do próprio Flamengo. O vestiário do time parecia conturbado, com notícias de uma suposta briga entre o volante Zanata e o técnico. A novidade seria a estreia de Roberto Miranda, campeão mundial em 1970, vindo do Botafogo-RJ. Um dia antes de viajar até Campo Grande, o clube carioca faria um treino coletivo, que acabou cancelado por Yustrich. Os rubro-negros deixariam o Rio de Janeiro-RJ às 7h para voar até o sul de Mato Grosso com a escalação antecipada: Ubirajara;

Murilo, Tinteiro, Reyes e Rodrigues Neto; Zanata e Liminha; Buião, Roberto, Fio Maravilha e Caldeira.

No aspecto regional da matéria, o periódico O Estado de São Paulo destaca a chegada de diversas caravanas para assistir a partida, que teria entrada gratuita para 15 mil pessoas alocadas na geral da arena esportiva.

“O jogo desperta enorme interesse, não só em Campo Grande, como nas cidades vizinhas e mesmo nas cidades fronteiriças, como Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Puerto Suarez (Bolívia), de onde virão caravanas de torcedores.”

“Ônibus e trens especiais já estão preparados para trazer os torcedores de Aquidauana, Corumbá, Três Lagoas, Dourados e Ponta Porã e é provável que até mesmo da Capital, Cuiabá, desloquem-se caravanas, não só para ver o jogo como para conhecer o estádio (...)”

O diário relata ainda que o local poderia receber até 45 mil pessoas naquele dia, mas que sua lotação oficial seria de 55 mil torcedores. O material publicado pelo veículo de imprensa paulista também enumera as partes que compunham o local.

“O estádio dispõe também, de alojamentos para 4 clubes, apartamentos para dirigentes, túneis exclusivos para os juizes, sala de administração, sala de reuniões, 18 cabinas de rádio e televisão, salas para clubes oficiais da cidade e uma moderna pista de atletismo.”

“Sua iluminação é considerada das melhores do País: 4 torres de 45 metros de altura, cada uma com 18 lâmpadas a vapor de mercúrio.”

O periódico também destaca que os ingressos das cadeiras eram comercializados à Cr\$ 20,00, enquanto que para a arquibancada o valor era de Cr\$ 10,00.

Naquele mesmo dia, a cidade de Itabaiana, no Sergipe, também inaugurava seu estádio, que levava um nome tão intrigante quanto óbvio: Presidente Emílio Garrastazu Médici. De acordo com a edição de 7 de março de O Estado de São Paulo, o ditador sequer compareceria à festa.

Diferente do que acontecia em Campo Grande, a primeira partida contava com um representante da cidade, a Associação Olímpica de Itabaiana, que empatou em 0 a 0 com o Grêmio, de Porto Alegre-RS. A arena tinha capacidade para cerca de 11 mil pessoas.

De volta ao Centro-Oeste brasileiro, a edição do dia 8 de março do Correio do Estado dedicava toda a capa do jornal à estreia do estádio campo-grandense, a não ser por duas pequenas notas ao lado do logotipo do diário. “Inaugurado ontem o Morenã”, relatava a manchete, logo abaixo de uma ilustração, em que se anunciava o placar da partida no interior de uma imagem do projeto daquele estádio, usada ainda em 1967 para compor algumas reportagens do periódico.

O Correio definiu o evento como um “espetáculo inesquecível” e classificou a obra como um “presente que o desporto de nossa região estava recebendo”. A expectativa pela vinda de Emílio Médici não se confirmou, mas o veículo impresso destacou algumas das figuras públicas presentes na cerimônia, como o governador Pedro Pedrossian, acompanhado da esposa Maria Aparecida Pedrossian; o presidente da CBD, João Havelange; o presidente da FMD, Agripino Bonilha Filho; o comandante da 9ª Região Militar, general Raimundo Ferreira; o comandante da 4ª Divisão de Cavalaria, general Plínio Pitaluga; o chefe da Casa Civil, João Arinos; o bispo

diocesano Dom Antônio Barbosa; o presidente da LEMC, Nelson Borges de Barros; e Levy Dias, executor da obra.



Pedrossian acena para o público de mãos dadas a Maria Aparecida.
Levy Dias caminha ao lado direito do então governador

Segundo o diário vespertino, o público começou a chegar ao Morenã por volta das 12 horas. Às 15h, a banda mirim de Três Lagoas abriu as festividades tocando marchinhas, ao passo que às 16h15 as personalidades se dirigiram ao gramado. Durante o cerimonial, Pedrossian hasteou a bandeira brasileira, enquanto Havelange ficou responsável pela mato-grossense. Em seguida, passearam por todo o entorno do campo, cumprimentando os aficionados que se fizeram presentes nos anéis do gigante de concreto.

Ao fim de todo o ritual, os jogadores de Sport Club Corinthians Paulista e Clube de Regatas Flamengo pisaram no gramado do Morenã pela primeira vez. O ponta-direita rubro-negro, Buião, tratou logo de abrir o placar e balançar as redes do estádio universitário e marcar o primeiro gol da história do estádio. O tento saiu aos 3 minutos de partida após lançamento de Zanata e rendeu uma placa



Goleiro Ado vai buscar a bola do primeiro gol marcado no Moreirão

de prata ao atleta. Aos 35 minutos da etapa inicial, o lateral-direito Murilo driblou o goleiro Ado e ampliou a vantagem flamenguista para 2 a 0. Já com seis minutos do segundo tempo, Paulo Borges descontou para o alvinegro depois de encobrir o arqueiro Ubirajara, mas aos 15, Buião voltaria a chacoalhar o barbante para colocar números finais ao cortejo histórico: 3 a 1.

O público total da partida não foi divulgado pelos meios que cobriram a inauguração do estádio, mesmo porque o setor da geral foi aberto ao torcedor e não contou com nenhum tipo de controle sobre os espectadores. A renda arrecadada com as vendas das cadeiras e da arquibancada foi de Cr\$ 57.850,00, de acordo com O Estado de São Paulo do dia 9 de março de 1971, número que a edição de 8 de março arredondou para Cr\$ 58.000,00.

A repercussão do acontecimento em Campo Grande revoltou o então vereador e radialista esportivo de Cuiabá, Ivo de Almeida, do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), sigla que compunha o sistema bipartidário iniciado em 1965 pelo Ato Institucional Nº

2. A edição do dia 11 de março do Correio do Estado afirma que o parlamentar se utilizou das tribunas da casa de leis para questionar e desabafar sobre a construção do estádio na cidade sulista.

“Porque construir-se um estádio com capacidade de 50.000 pessoas para Campo Grande? Se, queiram ou não queiram, Cuiabá é a Capital de Mato Grosso? Cuiabá é a sede da FMD, Cuiabá é a cidade-mãe do futebol. É Cuiabá e não Campo Grande! É aqui que se pratica mais o futebol. O que se arrecada em uma partida de futebol em Cuiabá não se arrecada em Campo Grande. (...) Chega de tapeações ao povo de Cuiabá. Chega.”

Em ofício encaminhado à FMD e divulgado pelo Correio do Estado do dia 6 de abril de 1971, o presidente João Havelange afirmou que o estádio da cidade universitária de Campo Grande era “uma das melhores e mais modernas praças de desportos do país”.

Pouco mais de um ano depois, a coluna Notas Econômicas, de Joelmir Beting, da Folha de São Paulo do dia 23 de maio de 1972, chamaria atenção para o dinheiro público investido na construção dos estádios de futebol na época. O mundo esportivo vivia às vésperas da Copa do Sesquicentenário, torneio entre seleções realizado pela CBD de Havelange e pela ditadura militar de Médici em comemoração aos 150 anos de independência do Brasil. A imprensa especializada apelidou o evento de “Mini-Copa”.

“Os dinheiros públicos não levam em conta o investimento sem retorno dos estádios de futebol. Nem mesmo a margem ociosa dos estádios já existentes. A Mini-Copa abriu um vasto mercado para a indústria subsidiária do futebol, a da construção civil. Este ano, o investimento

em estádios de futebol absorve 1.000 cruzeiros 'per capita' no Brasil. E tome 'Pinheirão' em Curitiba, 'Tartarugão' em Manaus, 'Cuiabão' em Cuiabá, 'Goianão' em Goiânia, 'Pinheirão' em Curitiba, 'Romeirão' em Juazeiro do Norte, no Ceará, 'Mangueirão' em Belém, 'Castelão' em Natal, 'Trapichão' em Maceió, 'Geraldão' em Recife, 'Batistão' em Aracaju ou 'Moreirão' em Campo Grande. A 'afirmação municipal' da fonte luminosa cede lugar ao exercício um milhão de vezes mais caro do 'futebolão'. (...) E o zé-povo baba de orgulho com o 'Trapichão', com o 'Moreirão', com o 'Romeirão' e com o 'Batistão', num país que ainda rumina a falta do cano d'água e de esgoto em 60 de cada 100 lares brasileiros."

Com o novo estádio, então maior do Centro-Oeste brasileiro e maior universitário do país, o faraó fardado em verde-oliva, uma figura modernizada, integrada com o interior, desenvolvida e forte, agora tinha onde repousar em Campo Grande.

CHUMBO ENFERRUJADO

Quem frequenta o Estádio Pedro Pedrossian nos dias atuais conhece o tamanho de sua ociosidade. Até porque aquele que tem o costume de ir ao local faz parte de um grupo que dificilmente passa da casa da centena. Jogos com mais de mil espectadores no Morenã são raridades, pode-se contar nos dedos de uma das mãos aqueles que registram um número superior a este durante um ano. E não é por pura força de expressão. Em 2014, apenas cinco partidas superaram esta marca, em que quatro foram pelo Campeonato Estadual e uma pela Copa do Brasil.

Não há como fugir do jargão popular “elefante branco” para classificar a arena. Desde a sua fundação, há 43 anos, se pode afirmar que o futebol campo-grandense só foi sustentável durante 15 deles, de um período que foi desde a primeira participação de um clube da cidade em um Campeonato Brasileiro, o Esporte Clube Comercial em 1973, até a última, em que o Operário Futebol Clube disputou a Série B em 1988. Destes 15 anos, 11 se passaram durante a ditadura militar que, juntamente com seus aliados e simpatizantes, foi o que propulsou o futebol local por intermédio da construção subsidiada do Morenã e das interferências no Campeonato Brasileiro de clubes, nascido durante o regime.

Após rebuscar a história da construção do estádio universitário e a conjuntura política que culminou em seu surgimento, vê-se que o futebol campo-grandense e seu auge são crias do período em

que os militares e seus adeptos estiveram com o controle do país. Se investigados, diversos casos de edificações das 52 arenas que emergiram durante o regime ditatorial possivelmente terão uma trajetória parecida com a do Morenão.

São muitos os fatores que propiciaram essa era de construções de estádios, na qual uma complementa e cede espaço à outra. Parte de uma política de oferecer subsídios, isenção fiscal e doação de terreno para as obras das arenas desportivas, que facilitou a apresentação de projetos para a construção das praças por iniciativa das ligas e federações, que por sua vez tinham todo o apoio e suporte da CBD, presidida por João Havelange, que almejava chegar à presidência da FIFA e não poderia desagradar aqueles que o mantinham à frente da entidade nacional, e que ainda alinhou-se aos anseios da ditadura militar, que também queria se popularizar e legitimar suas ações através do futebol. A corrente foi grande e seus elos eram fortes.

Guardadas as devidas proporções, o caso da edificação do estádio de Campo Grande nada mais foi do que um recorte regional do que acontecia por todo o interior do país, impulsionado também pelo Plano de Integração Nacional do governo Médici. Os feitos do poder executivo foram referendados, na época, pelo governador de Mato Grosso, Pedro Pedrossian, em uma escala regionalizada. As construções megalomânicas na, hoje, capital sul-mato-grossense são exemplos escancarados das obras faraônicas da ditadura militar, haja vista o próprio complexo universitário como um todo, tendo como principal símbolo o gigantesco estádio.

Apenas por comparação, foram elencadas abaixo quatro cidades de diferentes regiões do país e que hoje possuem entre 135 mil e 150 mil habitantes, número aproximado ao que Campo Grande registrava quando o Morenão foi construído para abrigar 45 mil torcedores. Cada uma delas tem sua arena voltada para a prática do futebol, como a Cidade Morena tinha o Belmar Fidalgo. Ao considerar

espaço geográfico, relevância econômica e esportiva dos municípios elencados, já se pode imaginar o tamanho do impacto que uma edificação desproporcional àquela localidade causaria. Hoje, uma iniciativa como a de 40 anos atrás seria facilmente classificada como loucura, mau uso do dinheiro público, um capricho desnecessário. Durante o regime, a prática foi naturalizada.

<u>Cidade</u>	<u>Nº Aprox. Hab.</u>	<u>Estádio</u>	<u>Capacidade</u>
Garanhuns (PE)	136.000	Gigante do Agreste	7.000
Teófilo Otoni (MG)	140.000	Nassri Mattar	5.000
Sapucaia do Sul (RS)	137.000	Arthur Mesquita Dias	2.500
Abaetetuba (PA)	148.000	Humberto Parente	3.100

Com manutenção onerosa à atual administradora do local, a UFMS, o Morenão esteve interditado pelo Ministério Público Estadual durante todo o processo de execução deste livro-reportagem. O órgão alega que não há como garantir a segurança e o bem estar dos torcedores durante eventos esportivos, visto que o local padece de diversos problemas estruturais sérios, como o estado de conservação de sua marquise, além de contar com adversidades de ordem menor, como infiltrações, más condições higiênicas dos sanitários e limpeza insuficiente, devido à comunidade de morcegos que vive no local e, por consequência, deixa seus rastros biológicos por lá.

As administrações equivocadas dos clubes e federações de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul como um todo não podem ser ignoradas quando se avalia a decadência profunda do esporte bretão e os processos que o levaram até onde está atualmente no cenário nacional. Entretanto, há de se considerar que “colocar o carro na frente dos bois”, como foi feito na cidade campo-grandense quando sequer tinha um futebol profissionalizado na estreia do Estádio Pedro

Pedrossian, foi crucial para que se atingisse o panorama vigente.

A visão de que as mudanças e transformações sociais partem da base, e não de um viés centralizador, foi ignorada pela ditadura militar também no âmbito esportivo. Não existia demanda por uma arena esportiva maior do que o Belmar Fidalgo em 1971, bem como também não há nos dias atuais, basta consultar a média de público apresentada na introdução deste livro. Ou seja, é preciso começar novamente, engatinhar para depois andar.

Derrotado por políticas mal sucedidas, o Morenão precisa se reerguer e voltar a mobilizar a população que se apropriou dele. Um discurso de mudança “lenta, gradual e segura” faz mais sentido ao futebol campo-grandense e sul-mato-grossense nos dias atuais do que quando foi utilizado por Ernesto Geisel para exemplificar como queria o processo de abertura política, após dez anos transcorridos de ditadura militar.



MATERIAL CONSULTADO

Periódicos

Arquivo do Correio do Estado. Campo Grande, 1967 a 1971.

Arquivo de O Estado de São Paulo. São Paulo, algumas edições.

Arquivo da Folha de São Paulo, São Paulo, algumas edições.

Revista Concreto e Construções Nº 54. Brasil, 2009.

Livros biográficos

PEDROSSIAN, Pedro. **O Pescador de Sonhos**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2006.

MARTINS, Demóstenes. **A Poeira da Jornada**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2013.

Aporte teórico

Comunicação, Mídia e Consumo/Escola Superior de Propaganda e Marketing. Ano 1, v. 1, n. 1 (maio 2004). São Paulo: ESPM, 2011

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. 162 p.

RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984. 114 p.

CRUZ, Antonio Roberto. **Futebol brasileiro: um caminho para a inclusão social**. São Paulo: Esfera, 2003.

REIS, Heloisa Helena Baldy. **Futebol e Sociedade**. Brasília: Liber Livros, 2003

BITTAR, Marissa; JUNIOR, Amarilio Ferreira. **Euclides de Oliveira**: Uma trajetória de ética, competência profissional e militância no Partido Comunista Brasileiro. Artigo, 2005.

Aporte Técnico

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, 1990/1991, p. 149-158. Disponível em: <<http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/manzinaopaulo1990.pdf>> Acesso em: 09 ago.2014

COIMBRA, Oswaldo. **O Texto da Reportagem Impressa**: um curso sobre sua estrutura. São Paulo, SP: Ática, 2002. 183 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura : jornalismo literário. 4. ed. rev. e ampl. Barueri, SP: Manole, 2009. 470 p.

Obras acadêmicas

FERREIRA, João Fernando Pelho. **De (pre)potência olímpica à “invenção” do país do futebol**: a política para os esportes do Governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4023618.pdf>> Acesso em 29 jul.2014

SANTOS, Daniel de Araujo dos. **Futebol e política**: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol. Dissertação (mestrado), Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens

Culturais. 2012. 148 f. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10367/Futebol%20e%20pol%C3%ADtica-a%20cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20campeonato%20brasileiro%20de%20clubes%20de%20futebol.pdf?sequence=1>> Acesso em 29 jul.2014

Endereços eletrônicos

Cadastro Nacional de Estádios de Futebol 2013. Disponível em: <<http://www.agenciach.com.br/wp-content/uploads/2013/08/CNEF-Estadios-de-Futebol-no-Brasil-2013.pdf>> Acesso em 29 jul.2014

Cadastro Nacional de Estádios de Futebol 2009. Disponível em: <<http://www.creaba.org.br/Imagens/FCKimagens/12-2009/CadastroNacionaldeEstadiosdeFutebol.pdf>> Acesso em 29 jul.2014

Governadores de Mato Grosso. Disponível em: <<http://www.mt.gov.br/mato-grosso/historia/historia-de-mato-grosso/70485>> Acesso em 30 setembro.2014

Reportagem sobre Ditadura e Futebol do site Trivela. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/da-criacao-brasileirao-aos-elefantes-brancos-como-o-futebol-entrou-plano-de-integracao-nacional/>> Acesso em 20 out.2014

Reportagem sobre a história do Estádio Verdão do site Globoesporte.com: Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/mt/noticia/2014/03/da-construcao-demolicao-estadio-verdao-e-suas-historias.html>> Acesso em 22 out.2014

Entrevistas

Roberto Higa, Silvio de Andrade, Valdir Cardoso, João Fernando Pelho Ferreira e Fausto Matto Grosso. Realizadas em setembro/outubro de 2014.

